



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOSIVAN ALVES RIBEIRO

HOMOFOBIA INTERNALIZADA E CULTURA MILITARISTA: A DUALIDADE
ENTRE EXISTÊNCIA E REPRESSÃO DA SEXUALIDADE

FORTALEZA

2023

JOSIVAN ALVES RIBEIRO

**HOMOFOBIA INTERNALIZADA E CULTURA MILITARISTA: A DUALIDADE
ENTRE EXISTÊNCIA E REPRESSÃO DA SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R369h Ribeiro, Josivan Alves.
Homofobia internalizada e cultura militarista: a dualidade entre existência e repressão da sexualidade / Josivan Alves Ribeiro. – 2023.
73 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.
1. Homofobia internalizada. 2. Cultura militarista. 3. Repressão da sexualidade. 4. Autoetnografia. I.
Título.

CDD 370

JOSIVAN ALVES RIBEIRO

HOMOFOBIA INTERNALIZADA E CULTURA MILITARISTA: A DUALIDADE ENTRE
EXISTÊNCIA E REPRESSÃO DA SEXUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de atuação: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

Aprovada em: 05/04/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Luminita-Anda Mandache
Salzburg University (Áustria)

Profa. Dra. Kelly Maria Gomes Menezes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos, todas e todes que lutam
incessantemente pelo direito à livre
orientação sexual, sem, no entanto, sofrerem
a homofobia internalizada.

AGRADECIMENTOS

A todos que participaram direta ou indiretamente na escrita deste trabalho, sou eternamente grato por tudo! Não seria possível fazer um trabalho desses sozinho, por isso agradeço a todos que gentilmente contribuíram para a realização deste texto. Meus sinceros agradecimentos! Peço perdão àqueles que não citei, mas certamente vocês serão lembrados eternamente por mim.

Ao meu orientador, Prof. José Gerardo Vasconcelos, pela dedicada orientação.

A todos, todas e todes amigos, em especial à trupe, Patrícia Freire, Valmira Gualberto, Camila Saraiva, que durante o período da escrita me deu forças para seguir em frente. Mas em especial à amiga Patrícia Freire, que me deu a mão logo no início da nossa graduação, que teve o amor necessário, que me guiou, mesmo sendo um jovem aprendiz no caminho da educação e que nunca me soltou, mesmo quando eu não tinha forças para seguir. Meu grato e sincero reconhecimento!

A todos os professores e todas as professoras, que, ao longo da minha trajetória escolar e acadêmica, me inspiraram, em especial.

A todos os deuses, guias, orixás, santos, caboclos, pretos velhos e forças superiores que nos guiam e nos protegem nesse plano terrestre, que nos dão força e energia para enfrentar essa vida insana que vivemos. Sou eternamente grato a todas as forças e aos espíritos que me guiam e me dão a luz que ilumina meu caminho!

À minha família, pelo amor e apoio incondicional, e por entenderem as minhas ausências! E foram muitas...

Quero fazer um agradecimento especial:

À minha mãe, Maria do Socorro Alves Ribeiro, por me dar a oportunidade de estudar, mesmo sabendo que isso custaria muito suor e esforço, mas, mesmo assim, não desistiu. Mulher simples, mas de coração grande, nunca nos deixou faltar nada, espero estar te orgulhando com esse sonho realizado.

Aos meus colegas de faculdade, por me incentivarem sempre quando eu dizia que iria pesquisar sobre homofobia no quartel, eu adorava a torcida de vocês e sabia que era tudo de verdade! Obrigado pela paciência e pelo apoio nos trabalhos; nós fizemos o melhor e demos nosso máximo, tenham certeza de que sou um pouco de vocês também agora.

Aos membros da banca examinadora, o Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos, a Professora Dr^a. Luminita-Anda Mandache e a Profa. Dra. Kelly Maria Gomes Menezes, meu muito obrigado pela generosidade em contribuir na minha jornada acadêmica; para mim, foi

um prazer tê-los na minha banca.

Aos meus amigos, por entenderem meu momento de distanciamento, obrigado por não julgar minhas ações, vocês não sabem, mas contribuíram com este trabalho também.

*“O que vão dizer de nós?
Seus pais, Deus e coisas tais
Quando ouvirem rumores do nosso amor?
Baby, eu já cansei de me esconder
Entre olhares, sussurros com você
Somos dois homens e nada mais
Eles não vão vencer
Baby, nada há de ser em vão
Antes dessa noite acabar
Dance comigo a nossa canção
E flutua, flutua
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
E flutua, flutua
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
Entre conversas soltas pelo chão
Teu corpo teso, duro, são
E teu cheiro que ainda ficou na minha mão
Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar sem temer
Eles não vão vencer
Baby, nada há de ser em vão
Antes dessa noite acabar
Baby, escute, é a nossa canção
E flutua, flutua
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
E flutua, flutua
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
Como amar, como amar
Ninguém vai poder querer nos dizer como*

*amar
Como amar, como amar
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
Como amar, como amar
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
Como amar, como amar
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
Como amar, como amar
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar
Como amar, como amar
Ninguém vai poder querer nos dizer como
amar...”*

(Johnny Hooker)

RESUMO

Esta pesquisa tem como seu nascedouro a história de vida de policiais militares assumidamente gays, que enfrentam no seu cotidiano de trabalho o desafio de lidar com a homofobia internalizada. O trabalho tem por finalidade desvelar as práticas de homofobia vivenciadas tanto pelo autor, quanto pelos colaboradores da pesquisa, no âmbito da caserna. A metodologia de trabalho aqui desenvolvida tem por base a autoetnografia como forma de perscrutar e trazer as referidas histórias, tendo como alicerce as construções de Adams, Bochner e Ellis (2011). Como objetivos específicos elencam-se os seguintes: desvelar a homofobia internalizada nos militares; analisar as narrativas dos sujeitos da pesquisa e, por fim, evidenciar as estratégias de sobrevivência dos interlocutores dentro da corporação. No que diz respeito às questões que falam sobre gênero e orientação sexual, deve-se às leituras de Butler. No que diz respeito aos dispositivos de sexualidade e de controle, embasou-se nas leituras de Foucault (1988), em que as evidências científicas sobre o tema ganham relevância. No que diz respeito ao conceito de Homofobia internalizada, utilizaram-se as construções de Antunes (2017). A metodologia aqui apresentada nos auxiliou na obtenção de dados para a pesquisa a partir da autoetnografia, por meio das falas dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador, num processo de resgate de histórias e rememoração de fatos e eventos. Assim, através das entrevistas semiestruturadas, obtiveram-se dados que, ao analisar sob a perspectiva dos sujeitos teóricos utilizados, chegou-se à conclusão de que os resultados da pesquisa ora realizada mostram que as sexualidades existentes no meio militar são postas à prova, na medida em que percebe-se o aumento da repressão impetrado por sujeitos que oscilam entre heterossexualidade compulsória e bissexualidade heteroromântica. No entanto, os sujeitos que saem do armário acabam virando alvo desse assujeitamento.

Palavras-chave: Homofobia internalizada; Cultura militarista; Repressão da sexualidade; Autoetnografia.

ABSTRACT

This research has as its birth the life story of openly gay military police officers, who face the challenge of dealing with internalized homophobia in their daily work. The purpose of this work is to develop the practices of homophobia experienced by both the author and the research collaborators within the barracks. The work methodology developed here is based on autoethnography as a means of scrutinizing and bringing the referred stories, based on the constructions of Adams, Bochner and Ellis (2011). As specific objectives, I list the following: to develop internalized homophobia in the military; analyze the narratives of the research subjects in relation to the object of study and, finally, highlight the survival strategies of the interlocutors within the corporation. With regard to questions about gender and sexual orientation, I focused on Butler's readings (2003); With regard to the devices of sexuality and control, I base myself on the readings of Foucault (1988); with regard to the concept of internalized homophobia, I used the Antunes's constructions (2017). The methodology presented here helped us to obtain data for the research based on self-ethnography, through the speeches of the ways of research and the researcher himself, in a process of rescuing stories and remembering facts and events. Thus, through semi-structured interviews, we obtained data that, when analyzed from the perspective of the theoretical methods used, we came to the conclusion that the results of the research now carried out show us that existing sexualities in the military environment are put to the test, insofar as they have passed the increase in repression filed by subjects who oscillate between compulsory heterosexuality and heteroromantic bisexuality. However, the subjects who come out of the closet end up being victims of this subjection.

Keywords: Internalized homophobia; Militaristic culture; Repression of sexuality; Autoethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Banner, <i>Gay Pride</i>	35
Quadro 1 - síntese dos objetivos e resultados	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Psiquiátrica Americana
CID	Classificação Estatística Internacional de Transtornos Mentais
	Distrito Federal
DF	
DSM	DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
LGBTQTQIAPN+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, <i>queer</i> , intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários.
PM	Polícia Militar
PMDF	Polícia Militar do Distrito Federal
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UOL	Universo Online

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	INTERDIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE, PODER DISCIPLINAR E EDUCAÇÃO INFORMAL NO <i>ETHOS</i> MILITAR	20
2.1	A cultura militarista que forja a heterossexualidade compulsória	30
2.2	O poder disciplinar que forma corpos obedientes	34
3	A DISCIPLINA QUE FABRICA OS CORPOS “DÓCEIS”, A PARTIR DO ADESTRAMENTO DOS SUJEITOS	39
3.1	Violações que sofreram os sujeitos da pesquisa	41
3.2	Primeiras incursões no cotidiano policial: ‘cara, para de desmunhecar, tu pode ser, mas para de desmunhecar’	44
4	A DUALIDADE ENTRE A EXISTÊNCIA E A REPRESSÃO DA SEXUALIDADE	53
4.1	A nossa sexualidade não cabe no armário do quartel	53
4.2	O fardamento que heterogeneiza o sujeito de desejo	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	64
	GLOSSÁRIO	67
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA (ADULTOS)	69
	APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA (COLABORADORES)	72

1 INTRODUÇÃO

Demonstrar ser gay publicamente sendo um policial militar torna-se algo “desonroso”, por ferir o ideal de masculinidade sentido especialmente pelos homens de forma geral, já que é uma verdade por si mesma, sem possibilidades de explicação para o que é óbvio. (FRANÇA; LEON, 2021, p. 11).

Durante muito tempo, relutei em conceber essa pesquisa, talvez por medo ou por vergonha, o fato é que ao passar dos anos fui me convencendo da necessidade de discutir o assunto, colocando em pauta a minha própria experiência como sujeito e ator dessa pesquisa. Assim, nessa versão final desse texto dissertativo, depois de muitas modificações e aprimoramentos, apresento a história de alguns atores que, muito gentilmente, ajudaram-me na construção deste trabalho.

Atualmente, ocupo o cargo de 3º Sargento da Polícia Militar do Estado do Ceará, tendo sido incluído no ano de 2009, através de concurso público, e, ao longo desses treze anos de efetivo serviço, tenho experienciado casos de homofobia¹, sendo a discriminação devido à orientação sexual homoafetiva; a maioria desses casos praticada entre os pares, seja nas jornadas de serviço ou ao longo do convívio profissional.

O objetivo desse trabalho é desvelar o preconceito sofrido por pessoas pertencentes ao grupo LGBTTQIAPN², ainda que não sejam assumidas perante as outras pessoas. A pesquisa tem por finalidade narrar as práticas homofóbicas internalizadas nos agentes de segurança pública, analisando tais práticas, a fim de compreender quais suas causas e como estão demarcadas no meio militar. Como objetivos específicos, elenco os seguintes: desvelar a homofobia internalizada nos militares; analisar as narrativas dos sujeitos da pesquisa em relação ao objeto de estudo e, por fim, evidenciar as estratégias de sobrevivência dos interlocutores dentro da corporação.

Nessa perspectiva, ao contrário do que trago na epígrafe dessa introdução, digo que a demonstração pública da orientação sexual é algo que não pode ser subsumida da vida dos policiais, por isso apesar de hoje termos um cenário em que a demonstração desse desejo afetivo sexual ainda é considerado um tabu por grande parte das pessoas, mesmo assim,

¹ Homofobia é uma mistura da palavra *homo-* em si e do morfema neoclássico, "fobia" que vem do grego, - *phobos*, que significa "medo", "aversão", "repulsa", "falta de tolerância" e "medo mórbido" (WEINBERG, 1972). Nas palavras de Antunes (2017), o termo “homofobia” foi quase imediatamente adotado, tanto dentro como fora da comunidade homossexual, para descrever aqueles indivíduos que tanto tinham medo, como não gostavam de homossexuais. Outros pesquisadores estenderam o significado. Definiram como uma reação de extrema raiva e medo em relação aos homossexuais (ANTUNES, 2017).

² LGBTTQIAPN+: é a sigla utilizada para falar de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários. O símbolo + diz respeito à inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero (WEISS, 2021).

contrariando àqueles que não desejam nossa presença no meio social, considero bastante salutar trazer as narrativas desses sujeitos dentro desse sistema de sexualidade em que a única norma que importa é a de matriz heterossexual.

Falando um pouco mais sobre o meu interesse pelo tema da pesquisa, digo que está ligado a dois fatores, que se entrelaçam entre si: o primeiro diz respeito ao fato de que, como relatei acima, sou um homem cis *gay*, ou seja, sinto na pele as agruras do preconceito, por isso considero ter lugar de fala para discorrer sobre a homofobia. O outro motivo se relaciona com os estudos que realizo na academia, desde que ingressei na graduação em Pedagogia, no ano de 2014 e hoje no curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos na Universidade Federal do Ceará.

No decorrer do curso de Pedagogia, algumas disciplinas me despertaram interesse por pesquisar sobre o tema. Na disciplina de Educação em Direitos Humanos, vimos autores como Judith Butler, Simone de Beauvoir, Berenice Bento, esses muito voltados para a temática em estudo. Diante dessas leituras, me deparei um pouco mais de perto com o assunto e pude perceber o quanto precisava estar mais atento a essas e outras questões para poder desenvolver um trabalho futuro. Algum tempo depois, na disciplina de TCC 1, com a ajuda da professora orientadora, comecei a delinear a temática que me levasse a realizar uma pesquisa que de fato me tocasse e fizesse sentido dentro do caminho acadêmico.

Apesar de ter visto esses e outros teóricos que abordam a sexualidade como tema de suas pesquisas, mesmo assim, não me sentia seguro do tema que havia escolhido para escrever neste trabalho. Nesse caso, dissertar sobre a homossexualidade dos sujeitos na caserna apenas se tornou algo factível quando, em conversas com meu atual orientador e uma colega de curso, ao falar sobre o tema, foi suscitada a ideia de pesquisar as estratégias de sobrevivência dos gays nos espaços do quartel.

Contudo, isso não quer dizer que antes da minha entrada tanto no ambiente de trabalho como no meio acadêmico, eu não tenha sofrido o preconceito por orientação sexual. Pelo contrário, viver a sexualidade plenamente não é algo dado e sim “disputado” (SILVA, 2009, p. 81). O fato é que ao adentrar à universidade, muitas das questões que eu trazia, construídas sobretudo a partir da base empírica, ganharam novos significados, uma vez imerso no conhecimento elaborado, à luz do saber das ciências humanas.

Logo que adentrei ao curso de Pedagogia, demorei muito a descobrir qual seria de fato o tema que escolheria para pesquisar na minha trajetória acadêmica. Escrevi sobre alguns assuntos, dentre eles, alfabetização e letramento, educação de jovens e adultos e formação de

professores para a educação infantil. Esses assuntos são alicerces base do curso de Pedagogia e, sem sombra de dúvidas, são muito relevantes para a formação do perfil do egresso do curso.

Porém, apesar de enxergar e reconhecer a importância de tais saberes, mesmo assim, eu não conseguia deixar de sentir as dores que a vivência da sexualidade sempre me trouxe, e isso acabou sendo evidenciado na minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulada “Identidade de gênero e orientação sexual na perspectiva dos professores do ensino fundamental de uma escola pública”, realizada no município de Fortaleza-CE, defendido em 2019, no curso de Pedagogia.

Quando decidi empreender a pesquisa em sexualidades, para a construção do TCC, pensava em escrever sobre o tema homofobia na caserna, portanto no quartel. Porém, não encontrava, no estado da arte, textos que me levassem a navegar por águas tão revoltas. O que vi foram textos que falavam sobre a presença da mulher nas instituições militares, mas nada sobre a presença de homens gays. Resolvi então direcionar a pesquisa em sexualidades para outro espaço, a escola, por entender ser aquele espaço *locus* privilegiado e que também suscita essa discussão.

Entretanto, quando se ingressa na Universidade, encontramos uma diversificada teia, um emaranhado de cultura e histórias distintas. Antes de iniciar o curso superior, me considerava uma pessoa diferente da que sou hoje. E em relação especificamente à homofobia, pra mim, era muito complexo compreender as questões que surgiam a partir desse tema. Quer dizer, hoje, ao escrever essa dissertação, eu tenho uma ideia sobre a violência que a homofobia acarreta. Porém, há oito anos, quando entrava no nível superior, eu não conhecia a dimensão desse fenômeno. Corroboro com Prado e Machado (2008) ao afirmarem que “há um elemento paradoxal no preconceito, [...] ele nos impede de “ver” o que “não vemos” e “o que é que não vemos”, ou seja, ele atua ocultando razões que justificam determinadas formas de inferiorizações históricas, naturalizadas por seus mecanismos. Em outras palavras, o preconceito nos impede de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 67). Só para termos uma ideia do que estou falando, certa vez, eu ganhei uma garrafa cor-de-rosa, de presente. Fiquei bastante desconcertado com o objeto porque não queria ser visto com ele, em nenhum lugar. Se eu fosse visto, certamente me rotularam de gay, de bicha. E isso eu não queria. Ainda mais se usasse no meu trabalho, o que diriam?

Porém, tratava-se apenas de uma garrafa, ela não pode me representar; eu é que tenho essa força, a da representação. Mas eu não entendia isso dessa forma. Tinha medo, como tantos outros têm medo, de ser você mesmo. Mas naqueles idos não imaginava que um

dia haveria alguém que me daria tanta força para lutar contra a homofobia. Na Universidade, encontrei uma colega que se dispôs a me orientar e me mostrar como me sair das situações de homofobia. Resolvi usar a garrafa no quartel, e, para surpresa de todos, ridicularizaram o objeto, como de esperado. Mas não tive medo, segui com a garrafa e assim como aprendi com a minha amiga Patrícia Freire, as cores não têm sexo, se tivessem, então qual seria o sexo do verde, e do marrom, qual seria? Seria o amarelo masculino ou feminino? Não importa, aprendi essa lição.

Assim, ao finalizar a graduação em Pedagogia, logo entendi que não poderia dar continuidade à pesquisa em sexualidades na escola. Longe de ser uma discussão irrelevante, porém quanto mais conversava com a minha confidente, mais percebia que a veia que pulsava mais forte em mim era a que me levava ao meu próprio local de trabalho e de atuação ainda como pedagogo em formação, o quartel.

Portanto, ao me entender como sujeito assumidamente *gay*, em um ambiente extremamente hostil a essa orientação sexual, lancei o olhar para aquilo que mais me incomodava na minha atuação profissional, a homofobia internalizada sofrida por mim e por outros militares. Analisando minha trajetória dentro da instituição da qual faço parte, vejo que, ao tratar desse tema, e ao passo que discuto sobre o assunto nos mais variados momentos, consigo escrever meu lugar na história, ou seja, não consigo escapar ao fato de que como professor recém-formado, e com uma leitura de mundo inclinada à educação, sou uma ferramenta de mudança no meu local de trabalho.

Afirmo isso, pois, além de falar abertamente sobre orientação sexual e homofobia nos espaços do quartel, consigo também ser instrumento de mudança na formação inicial e continuada dos militares. No ano de 2021, assumi a disciplina de Atuação dos Profissionais de Segurança Pública Frente a Grupos Vulneráveis, em um curso de formação continuada, no âmbito militar e nos conteúdos que perfazem a disciplina; trago à tona a discussão sobre como realizar abordagens policiais a pessoas LGBTTQIAPN+, e também a pessoas transexuais e travestis, além de falar de outros temas, como racismo estrutural e minorias. Essa perspectiva também sigo na formação inicial para os recém ingressos na instituição a qual faço parte, no curso de Soldados Policiais Militares, quando, em 2022, tive a oportunidade de também ministrar aulas nesse mesmo componente da formação militar.

Na perspectiva de dialogar com a academia e os sujeitos teóricos acerca da sexualidade humana, corroboro com Garcia *et al.* (2017) quando declara que:

Contrariamente ao que se considera de forma habitual, a sexualidade não é somente um tema privado. Quando os corpos e as sexualidades são objeto de políticas e de disputas entre diferentes campos como os religiosos, científicos e jurídicos, se convertem em tema público que exigem participação e debates em que se privilegiem aqueles que têm sido tradicionalmente excluídos/as pela ordem social patriarcal, sexista, racista e classista, principalmente em sociedades nas quais os avanços dos setores conservadores em relação às decisões e exercício da cidadania sexual plena potencializam situações de discriminação e exclusão tanto material quanto simbólica. (GARCIA *et al.*, 2017, p. 17).

No que diz respeito às questões que falam sobre gênero e orientação sexual, me detive nas leituras de Judith Butler, principalmente na obra *Problemas de Gênero* (2003); no que diz respeito aos dispositivos de sexualidade e de controle, encontrei bastante material nas leituras de Michel Foucault, inclusive nas obras *História da Sexualidade 1: a vontade de saber* (1998), e em suas obras decorrentes, *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres* (1984) e em *História da Sexualidade 3: o cuidado de si* (FOUCAULT, 1985), em que as evidências científicas sobre o tema ganha relevância, e a obra *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 2014). No que diz respeito ao conceito de homofobia internalizada, utilizo a obra *Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*, de Antunes (2017), que será bastante revista no capítulo 2.

A pesquisa nasce também da necessidade de dar voz aos muitos sujeitos que passam pela homofobia internalizada, uma vez que essas vozes não são ouvidas nos espaços do quartel, seja por medo ou por necessidade de se camuflar em meio à heteronormatividade, muitos policiais gays vivem suas vidas de forma oculta, escamoteada dos holofotes que apontam para a moral militar e o estereótipo de policial viril. Ao ler a dissertação de Mestrado “*Coturno rosa e ordem unida? Uma análise da homofobia entre policiais militares na Paraíba*” (ANDRADE, 2017), vemos que o tema não é novo nos escritos mais atuais, porém, ao investigar os interditos que marcam a homofobia no espaço em que estou inserido, podemos, a partir desse movimento, compreender melhor como esse fenômeno ocorre nesse recorte de tempo e lugar.

No intento de realizar uma pesquisa com a ajuda de colaboradores, pessoas que estão eivadas de ideias, sonhos, desejos, trago a presente pesquisa para o âmbito das relações interpessoais, portanto estou falando da realização de uma pesquisa qualitativa, pois, ao abordar o tema homofobia, entendo que o objeto de estudo possui, nas palavras de Minayo (1994, p. 21) “um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Ainda de acordo com a autora, “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” Ao escrutinar mais a fundo a percepção do outro, quero compreender, interpretar comportamentos

e os fenômenos sociais, através das falas dos entrevistados. Corroboro ainda com o pensamento de Minayo (1994, p. 21-22), em relação a esse tipo de pesquisa:

Ela (a pesquisa) se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Adentrei ao mundo subjetivo que permeia o universo de homens *gays*, compreendendo suas trajetórias de vida, em que, através do relato dos colaboradores da pesquisa, desvelamos a homofobia a partir das falas dos entrevistados.

Para tal, utilizei como aporte ao caminho metodológico, o referencial alicerçado nas construções de Adams, Bochner e Ellis (2011), utilizando a autoetnografia, a fim de abordar a minha própria experiência na caserna, ou seja, no ambiente de trabalho em que me situo.

A metodologia autoetnográfica é para mim algo novo na pesquisa. Fruto de muitas discussões e análises na pesquisa sociológica, a ferramenta é bastante utilizada nas ciências humanas e nas palavras de Adams, Bochner e Ellis (2011):

A autoetnografia é uma abordagem de pesquisa e escrita que busca descrever e analisar sistematicamente (grafia) a experiência pessoal (auto) para compreender a experiência cultural (etno). Essa abordagem desafia as formas canônicas de fazer pesquisa e representar os outros e trata a pesquisa como um ato político, socialmente justo e socialmente consciente. Um pesquisador usa princípios de autobiografia e etnografia para fazer e escrever autoetnografia. Portanto, como método, a autoetnografia é tanto processo quanto produto. (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p. 273).

Em outras palavras, falo da minha própria experiência pessoal no que diz respeito à homofobia por mim sofrida. Portanto, falo da experiência pessoal (auto), para compreender a social (etno), e nessa relação analisar sistematicamente o vivido, com o objetivo de desvelar o preconceito existente no espaço do quartel.

Ainda em relação à metodologia de pesquisa, os autores mencionados trazem igualmente a questão ética a ser colocada nesse tipo de pesquisa. Ao analisar o vivido, a experiência pessoal, muitos pesquisadores assumem que uma postura neutra, imparcial no rumo a ser tomado, deve ser observada. Porém, “a maioria agora reconhece que tal suposição não é sustentável. Conseqüentemente, a autoetnografia é uma das abordagens que reconhece e acomoda a subjetividade, a emotividade e a influência do pesquisador na pesquisa, em vez de

se esconder dessas questões ou assumir que elas não existem” (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p. 274).

Dessa forma, ao entrar em contato direto com a minha própria história, e com as dos colaboradores, a partir de nossas próprias falas, assumo que a subjetividade então subjacente, faz-nos perceber como a homofobia internalizada se manifesta nas nossas vidas, principalmente no que concerne ao ambiente do quartel. A partir desses relatos, pretendo mostrar - apontando sobretudo quais dores e agruras trazem os interlocutores em entrevista - que a emotividade é parte integrante desse trabalho, bem como a influência direta das minhas memórias e da minha própria existência.

Na pesquisa autoetnográfica, “os pesquisadores reconhecem as inúmeras maneiras pelas quais a experiência pessoal influencia o processo de pesquisa. Por exemplo, um pesquisador decide quem, o quê, quando, onde e como pesquisar. Um pesquisador também pode alterar nomes e locais para proteção” (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p. 274).

Como forma de não evidenciar os nomes dos colaboradores da pesquisa, utilizei nomes fictícios, bem como os locais de trabalho deles foram suprimidos, a fim de não identificá-los, evitando-se nesse caso, em uma possível identificação e a partir disso, rumores desnecessários, pois o fito desse trabalho não é fazer julgamentos moralizantes/moralizadores. O objetivo aqui é discutir a homofobia, a fim de podermos todos, todas e todes nos orientar, e então conhecer melhor a homofobia, identificá-la e, ao final, ser capaz de combatê-la. Para isso, chamo à discussão a totalidade social, a comunidade científica e os próprios sujeitos implicados nessa empreitada.

A técnica que utilizo na pesquisa é a entrevista. Opto pela entrevista pois entendo ser este método de pesquisa o que mais se ajusta à proposta de trabalho aqui desenvolvida. Em relação a essa metodologia, assim conceitua Gil (2008, p. 111):

A entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Daí porque podem ser definidos diferentes tipos de entrevista, em função de seu nível de estruturação. As entrevistas mais estruturadas são aquelas que predeterminam em maior grau as respostas a serem obtidas, ao passo que as menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação.

Corroborando Gil (2008), pretendo, com essa pesquisa, dar voz aos muitos atores, sujeitos que enfrentam a homofobia internalizada. Nesse procedimento metodológico, trago entrevistas semiestruturadas, em que, a partir de uma conversa informal, delinheiro a tessitura que compõe esta pesquisa dissertativa. Para tanto, também utilizo um roteiro de entrevista,

como apoio em que trago algumas questões importantes a serem feitas aos participantes.

A entrevista é citada na pesquisa autoetnográfica, como podemos observar no excerto abaixo, nas palavras de Adams, Bochner e Ellis (2011), quando falam de produção de dados que subsidiam essas pesquisas, ressaltam o papel do pesquisador frente a essa técnica, dentre outras:

Quando os pesquisadores escrevem autoetnografias, eles procuram produzir descrições densas estéticas e evocativas da experiência pessoal e interpessoal. Eles conseguem isso primeiro discernindo padrões de experiência cultural evidenciados por **notas de campo, entrevistas e/ou artefatos**, e depois descrevendo esses padrões usando facetas da narrativa (por exemplo, desenvolvimento de personagens e enredos), mostrando e contando e alterações da voz autoral. Assim, o autoetnógrafo não apenas tenta tornar a experiência pessoal significativa e a experiência cultural envolvente, mas também, ao produzir textos acessíveis, pode alcançar públicos de massa mais amplos e diversificados que a pesquisa tradicional geralmente desconsidera, um movimento que pode tornar mudança pessoal e social possível para mais pessoas” (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p. 277). (grifo do autor).

A pesquisa evidenciou as ideias principais que surgiram das falas dos sujeitos empíricos da pesquisa, e a partir dessas ideias, através das falas deles, compreendi quais são as impressões que eles têm, em relação à temática da homofobia no âmbito militar, além de mostrar as estratégias de sobrevivência no meio militar, além de expor as violações por que passaram os sujeitos da pesquisa. Utilizei também a observação direta participante.

Realizei uma análise triangulada onde coloquei em diálogo as representações dos militares (sujeitos empíricos), as elaborações dos autores (sujeitos teóricos) e minhas próprias concepções construídas ao longo da minha formação como pessoa, como pedagogo e como policial militar.

No Capítulo 2, abordo a homofobia internalizada, trazendo as principais discussões, o que falam os autores sobre o conceito.

No Capítulo 3, evidencio a dualidade entre a existência e a repressão da sexualidade, trazendo as estratégias de sobrevivência dos sujeitos *gays* dentro da corporação, momento em que declaro: a nossa sexualidade não cabe no armário do quartel!

No Capítulo 4, apresento a análise das entrevistas, desvelando a homofobia internalizada, exponho as violações sofridas pelos colaboradores da pesquisa, além de demonstrar que o fardamento heterogeneiza o sujeito de desejo.

2 INTERDIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE, PODER DISCIPLINAR E EDUCAÇÃO INFORMAL NO *ETHOS* MILITAR

A sexualidade humana é uma dimensão da experiência social permeada por inumeráveis questões. Através dela, todo um universo de desejos, crenças e valores são articulados, definindo um amplo espectro do que entendemos como sendo a nossa identidade. Todavia, como veremos, esse jogo não se faz à margem da história; muito pelo contrário, ele se fabrica no intercâmbio de significados e contextos que ocorre entre o “eu” e o “outro”, o “eu” e o “nós”, o “nós” e o “eles”, enfim, acontece na troca reinterpretativa de significados e interações sociais e institucionais que criam posições sociais e, conseqüentemente, posições identitárias e políticas. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 7).

O trecho acima extraído da obra *“Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade”*, tendo como autores Prado e Machado (2008), nos mostra o quanto a sexualidade humana está em constante transformação. Desde que fomos inseridos no convívio social, percebemos as diferenças existentes entre as pessoas. Rapidamente, os sujeitos que se desviam da norma heterossexual são identificados e assim são alvo do preconceito e da homofobia. No entanto, precisamos pensar mais além e perceber as seguintes questões: como nasce a homofobia? A quem ela serve? Porque as sexualidades desviantes da norma heterossexual são rapidamente hostilizadas, sendo, portanto, relegadas a um espaço de imoralidade pervertida?

Nas palavras de Prado e Machado (2008, p. 38), “a distinção regulatória que se estabeleceu entre heterossexuais e homossexuais se erigiu colocando a heterossexualidade burguesa como “natural”, como a única experiência identitária capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável e correta.” Apesar de não ser considerada como “natural”, - vista pelo prisma da heterossexualidade compulsória - a homoafetividade sempre foi um comportamento sexual presente na história da humanidade.

Em sua tese de doutoramento, o psicólogo Pedro Paulo Sammarco Antunes nos traz um verdadeiro tratado sobre a homossexualidade e como ela sempre esteve presente nas práticas sexuais das pessoas ao longo dos séculos. Fruto de uma vasta pesquisa de revisão de literatura, a pesquisa realizada por Antunes (2017), nos traz a ocorrência das primeiras manifestações da homossexualidade:

O que as ciências biomédicas definiram como sendo a heterossexualidade, sempre foi considerada “natural”, em relação às orientações sexuais “possíveis”. Porém, os relacionamentos entre pessoas definidas como pertencentes ao mesmo sexo sempre existiram. No entanto, até o início do estabelecimento do cristianismo, não havia a mesma compreensão quanto àquilo que definimos atualmente como

homossexualidade, bissexualidade³, heterossexualidade e assexualidade⁴. Porém, já havia relatos de relações sexuais entre homens nos povos antigos. Registros arqueológicos apontam para 5.000 a.C. na Era Mesolítica onde as relações entre pessoas do mesmo sexo estão representadas em uma rocha encontrada em Addarana, Sicília. Nessa inscrição em rocha, homens e mulheres dançam ao redor de duas figuras masculinas com ereção. Supõe-se que esse registro represente uma relação entre pessoas do mesmo sexo. (ANTUNES, 2017, p. 22-23).

A homossexualidade, como a conhecemos, é algo recente na história da humanidade, porém, podemos dizer que a homofobia é uma forma de discriminação por orientação sexual que uma pessoa pode sofrer. Nesse sentido, temos que entender o termo. Ele surge da palavra “homossexualidade”, englobando uma gama de atitudes e sentimentos negativos em relação a pessoas que são identificadas ou percebidas como lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transgêneros, *queer*⁵, intersexuais, assexuais e pansexuais, que ocupam o grupo denominado LGBTTQIAPN+. Nas palavras de Antunes (2017, p. 95), ela pode ser expressa como “antipatia, desprezo, preconceito, aversão, ódio, agressões físicas e verbais ou até mesmo o extermínio (crime de ódio). Pode ser baseado em medo irracional, e, às vezes, é relacionada a crenças sociais, principalmente às religiosas”. Antunes nos traz ainda a origem etimológica do termo homofobia:

Weinberg desenvolveu o conceito mais plenamente em seu livro *Society and The Healthy Homosexual*⁶, publicado em 1972, ele definiu a homofobia como um pavor de estar em ambientes fechados com homossexuais. No caso de estar presente nos próprios homossexuais, definiu como sendo a abominação, ódio e desrespeito por si mesmos. Homofobia é uma mistura da palavra *homo-* em si e do morfema neoclássico, “fobia” que vem do grego, *-phobos*, que significa “medo”, “aversão”, “repulsa”, “falta de tolerância”, e “medo mórbido”. (ANTUNES, 2017, p. 113).

Em relação à homofobia internalizada “em linhas gerais, é definida como o preconceito historicamente construído, este é composto pelo machismo, heteronormatividade⁷, heterossexismo⁸ e a misoginia⁹. No processo de socialização, ela é

³ Segundo as ciências biomédicas, a bissexualidade consiste na atração física e afetiva por pessoas de ambos os gêneros, podendo variar de interesse em relação a cada um, dependendo do momento ou da fase da vida. O termo deriva do prefixo latino *bi* que significa “dois”; do latim *sexus* que significa “sexo” e do sufixo *dade*, que significa “o modo de ser” (ABDO, 2000).

⁴ De acordo com o psicólogo canadense Anthony F. Bogaert, em seu livro “Entendendo a Assexualidade”, esta pode ser definida pela completa falta de atração sexual e/ou interesse sexual (BOGAERT, 2012)

⁵ O termo *Queer*, ao pé da letra, significa estranho e sempre foi usado como ofensa a pessoas LGBTTQIAPN+. No entanto, a comunidade se apropriou do termo e hoje é uma forma de designar todos que não se encaixam na heterocisnormatividade, que é a imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade.

⁶ O título em português pode ser traduzido por “Sociedade e o homossexual saudável”.

⁷ Por heteronormativas entendem-se as instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não apenas com que a heterossexualidade pareça coerente - ou seja, organizado como sexualidade - mas também a priviligia. Sua coerência é sempre provisória e seus privilégios podem adotar várias formas: passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é entendida como um estado natural e também se projeta como uma conquista moral (GARCIA, 2017, p. 19).

introjetada por todas as pessoas, independente de sua orientação sexual” (ANTUNES, 2017, p. 15).

O conceito de homofobia internalizada também pode ser “definido como medo à própria homossexualidade, a homofobia internalizada é um fenômeno cultural, que não é universal, nem toma as mesmas formas ou o mesmo significado em diferentes grupos sociais” (PEREIRA, 2002, p. 107).

No seu processo de construção, o comportamento homossexual sofreu condenação pela sociedade, “ao longo da história, ele foi sendo capturado por instituições como a cultura (hábitos, costumes e tradições), igreja (pecado), sistema político-jurídico (crime) e, por fim, as ciências biomédicas (patologia)” (ANTUNES, 2017, p. 19). Uma leitura de mundo feita a partir dessa perspectiva, oferece subsídios para a construção da imagem da homossexualidade como uma postura indesejável, portanto, passível de repreensão e punição. Assim, nas palavras de Antunes (2017, p. 19), “cada uma dessas instituições demanda um tratamento diferente. A igreja vai tentar salvar a alma pecadora, por meio de penitência e evangelização. O sistema político-jurídico irá legislar e punir por meio da prisão. A medicina irá tratar da "doença" e tentar achar a cura por meio da medicalização e internação.”

Ceccarelli (2008, p. 73) nos traz um dado bastante importante para evidenciar a relação entre pessoas do mesmo sexo:

Evidentemente, do ponto de vista fenomenológico, a atração sexual entre pessoas do mesmo sexo existe desde a aurora da humanidade em todas as culturas. A época e o local determinaram o tratamento que se deu a esses sujeitos: prática comum e bem tolerada na Grécia, Pérsia, Roma e China, mas condenada entre os assírios, os hebreus e os egípcios. Entre os índios brasileiros, assim como em algumas sociedades africanas – a antropologia é rica em relatos –, as reações frente ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo variam desde a aceitação, como uma expressão legítima da sexualidade, até a rejeição absoluta. Com o advento do cristianismo, a homossexualidade torna-se, em certos períodos, um crime passível de morte.

Para Peter Fry e Edward McRae (1991), em seu livro “*O que é homossexualidade?*”, as pessoas homossexuais não sofrem de nenhuma “condição”, mas

⁸ O sexismo, assim como o racismo e o classismo, é um sistema de sentidos material e histórico. É um modo de organização social em que um aspecto da sexualidade se sobrepõe a outro, se afirma com paradigma, se naturaliza como regra e oprime os demais. O sexismo não é algo subjetivo, individual, que se manifesta entre pessoas. Ele está estruturado e inserido na sociedade, na forma como ela se organiza e se reproduz, por meio das instituições sociais, da mídia e principalmente por meio das vítimas da violência (ANTUNES, 2017).

⁹ Devido à valorização histórica do homem e do gênero masculino, por intermédio do machismo, o gênero feminino e a mulher foram sendo desprestigiados mediante a misoginia. A palavra vem do grego *misogunia*, sendo *miseó*, que significa "ódio"; e *gyné*, "mulher" ou "feminino". Ou seja, é o ódio, o desprezo ou a repulsa à mulher, ao gênero feminino e às características associadas a eles (ANTUNES, 2017).

que acabam, isto sim, sendo levadas por pressões sociais, em grande parte, a desempenhar variações pouco ortodoxas dos papéis sociais normalmente atribuídos aos homens e às mulheres.

Defendem ainda em sua tese que, nas pequenas tribos, estes papéis e a maneira pela qual a homossexualidade é pensada são mais ou menos homogêneos, isto é, são compartilhados por todos os membros destas sociedades. Mas, nas sociedades industrializadas que são altamente diferenciadas socialmente, como é o caso da sociedade brasileira, existem vários “papéis homossexuais” variando de região para região e de segmento social para segmento social. Além disso, estes “papéis homossexuais” se transformam ao longo do tempo paralelamente a outras transformações sociais (FRY; McRAE, 1991, p. 12).

Contudo, a fim de entender melhor como se forma a homofobia, precisamos escrutinar os interditos impostos à homoafetividade ao longo da história. Primeiramente, entenderemos como a igreja interditou a homossexualidade.

A igreja durante muito tempo colocou a mulher em uma situação de inferioridade perante o homem. Nas passagens bíblicas, é comum percebermos a figura da mulher como o ser inferior, menor em relação ao homem. A genealogia bíblica cristã nos traz o surgimento da mulher, considerando-a como uma parte do primeiro homem, Adão, que teve uma de suas costelas arrancadas, para a criação de Eva, a primeira mulher.

Portanto, podemos entender a concepção bíblica de criação do homem e da mulher como sendo a forma mais natural de se perceber essa relação de dominação, nos parecendo ser natural entender que, ao fazer um para o outro, essa relação estabelece algo considerado natural, portanto, certo, sob o ponto de vista da criação. Nesse entendimento, conceber uma relação entre pessoas do mesmo sexo contrapõe a ordem natural, culturalmente aceita. Qualquer situação em que um homem se relacionasse com outro homem poderia ser avaliada como um ato de extremo pecado, considerado o segundo maior, dentre todos.

Assim, percebemos o quanto a igreja foi responsável pela imagem de negatividade que a homoafetividade ainda carrega nos dias atuais. Não é incomum a ideia de que ser *gay* não é certo, que não é algo “normal”, que não agrada a Deus e que é pecado. A ideia de pecado ainda é permeada por algumas religiões, principalmente as abraâmicas, Catolicismo, Islamismo e Judaísmo, dentre outras que também veem a homoafetividade como algo passível de interdição. Ao ler a bíblia, vemos passagens que corroboram com esse pensamento. “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é” (Levítico 18:22).¹⁰ “Quando

¹⁰ Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/18>. Acesso dia: 21/12/2021.

também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles” (Levítico 20:13)¹¹.

Porém, ao fazermos uma leitura mais profunda, principalmente do contexto histórico em que estes trechos foram escritos, podemos perceber que apesar de categóricos, ou seja, apesar de condenarem explicitamente a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, a sociedade judaica passava por um momento bastante instável, conforme podemos perceber nas palavras de Antunes (2017, p. 33):

Os judeus eram constantemente perseguidos e mortos por inúmeros motivos históricos. Sua população e exército precisavam ser aumentados para que pudessem lutar contra ataques que sofriam. As mulheres eram propriedades dos homens e suas obrigações domésticas possuíam grande significado religioso. Aliás, muitos dos costumes judaicos configuravam-se como obrigações religiosas. O valor dado a família era muito importante, pois era considerada uma das células fundamentais que uniam e sustentavam a existência de seu povo. No entanto, os povos vizinhos não pregavam a mesma disciplina. Em muitos deles, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram comuns.

Em contrapartida, percebe-se que, apesar das interdições morais bíblicas, a sexualidade humana foi sendo construída ao longo dos séculos, e os dogmas religiosos foram, durante muito tempo, os responsáveis pela construção da negatividade em relação a alguns aspectos da sexualidade humana. Assim, nas palavras de Foucault:

O valor próprio do ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo, diferentemente do que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceito no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de uma finalidade exclusivamente criadora. A desqualificação das relações entre indivíduos do mesmo sexo: o cristianismo as teria excluído rigorosamente, ao passo que a Grécia as teria exaltado - e Roma, aceito - pelo menos entre homens. (FOUCAULT, 1984, p. 17).

Foucault faz um resgate histórico e nos traz um forte argumento para nos fazer compreender como a homossexualidade foi sendo interdita nos mais diferentes momentos da história.

A igreja ainda continua sendo um forte vetor da homofobia, ao longo do século XII, a inquisição foi instaurada na Europa. Nessa ocasião, a igreja proibiu, por meio do concílio de Latrão, o celibato obrigatório entre os padres, na tentativa de coibir a sexualidade entre eles. Na intenção de penalizar aqueles considerados sodomitas,

¹¹ Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/20>. Acesso dia: 21/12/2021.

O papa Gregório IX (1160-1241) instituiu o direito ao tribunal do Santo Ofício (Inquisição), em 1231, e ordenou o combate às mazelas difundidas em toda Europa. A sodomia era considerada a pior das heresias e para sodomitas, a idade do sodomita justificava como a pena era aplicada. Após confissões obtidas sob tortura, o indivíduo abaixo de 15 anos era recluso por três meses. Acima dessa idade, deveria ir preso e posteriormente pagar multa. Os adultos deveriam pagar multas, caso contrário, tinham os seus genitais amarrados e deveriam andar nus pela cidade, serem açoitados e depois expulsos. Caso fossem maiores de 33 anos, o acusado seria julgado, sem direito a defesa e, caso condenado, morto em fogueira e seus bens confiscados. (ANTUNES, 2017, p. 38).

Mais uma vez percebemos o quanto o poderio da igreja consegue criar valores na sociedade, uma vez que a negação da vivência da sexualidade proíbe inclusive os próprios clérigos ao direito à vivência da sexualidade, ainda que não necessariamente seja a homossexual.

O Sumo Sacerdote da Igreja Católica, Papa Francisco, em sua *Exortação Apostólica Pós-Sinodal*¹², um texto em que lança aos seus clérigos e membros da Igreja as considerações que faz sobre a relação com o outro, nos traz em seu bojo uma passagem que considera como de “situação mais complexa”, cita em cujas famílias há a existência de pessoas homossexuais, estes devem ser tratados da seguinte forma:

Examinei a situação das famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual, experiência não fácil nem para os pais nem para os filhos. Por isso desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar qualquer sinal de discriminação injusta e particularmente toda a forma de agressão e violência. Às famílias, por sua vez, deve-se assegurar um respeitoso acompanhamento, para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida. (FRANCIS, 2016, p. 25).

Percebemos ser de grande valia a importância dada pelo Papa Francisco dentro do que preceitua a fé católica e os seus preceitos religiosos, no que tange à existência da homossexualidade no seio das famílias.

No entanto, com o surgimento da burguesia e do sistema capitalista, as relações de poder entre as sociedades mudaram, dessa forma, a filosofia, a religião, a política, os costumes, a cultura, os modos de ser e viver dos europeus dominaram o mundo (ANTUNES,

¹²FRANCIS. **Post-synodal apostolic exhortation**. Vatican: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://www.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/pa-pa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html&sa=D&source=docs&ust=1676419224720525&usg=AOvVaw2D6xVL5EraF0EmNUs8xxPe. Acesso em: 14 fev. 2023.

2017). Assim, ainda no século XV, através da forte transição cultural provocada principalmente pelo Renascimento,

As cidades ricas do norte da Itália, em particular Florença e Veneza, eram conhecidas pela sua prática generalizada do amor entre as pessoas do mesmo sexo. Era praticado por uma parte considerável da população masculina e construído ao longo do padrão clássico estético da Grécia e Roma antigas. A partir do século XV, as leis anti-sodomia parecem se fundamentar no princípio do incentivo ao crescimento populacional a fim de explorar e colonizar novas terras, recém descobertas pelas grandes navegações. As condenações religiosas e jurídicas regem-se por interesses de dominância entre os povos, forçando um crescimento populacional pelo artifício de proibições das práticas sexuais de sodomia. (MOTTIER, 2010; STEARNS, 2010 *apud* ANTUNES, 2017, p. 39).

Entretanto, apesar de normalizada no movimento cultural renascentista, a prática sexual entre homens também foi considerada crime na Espanha, momento em que começa a inquisição espanhola (1493) e na Inglaterra, momento em que foram proclamadas como crime todas as atividades sexuais não-reprodutivas. Portugal estendeu a criminalização da sodomia às suas colônias, definindo a prática sodomita como sendo o mais “torpe, sujo e desonesto pecado ante Deus e o mundo, impondo ao infrator que seja queimado até virar pó, para que não reste memória de seu corpo e nem sua sepultura” (ANTUNES, 2017, p. 40).

Em *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault (1988), nos traz um dado interessante a respeito da interdição da sexualidade em meados do século XVIII, vejamos as palavras do autor:

Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave cautela histórica e política o protege; pondo a origem da Idade da Repressão no século XVIII, após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ela faria parte da ordem burguesa. (FOUCAULT, 1988, p. 11).

Vê-se através do excerto que o capitalismo também confere apoio a interdição da sexualidade, que agora passa a ser reprimida, dominada. Foucault continua sua linha de pensamento ao questionar todo o exacerbamento em torno do sexo, a não ser para a preocupação na reprodução, a força de trabalho e a reprodução da força das relações sociais.

Ainda hoje, em pleno século XXI, mesmo com todo o avanço alcançado através dos movimentos sociais e também pelo desenvolvimento de uma cultura mais abrangente em relação à homossexualidade, ainda existem 11 países em que ter relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo é algo que pode ser punido com a pena de morte.

O que os países consideram "crime" tem diferentes nomes em cada país, sendo chamado de "crime antinatural", "sodomia" ou "atos homossexuais". A sentença também é executada de diferentes formas: forca, decapitação ou apedrejamento. E, em alguns casos, aplica-se somente aos homens.

No século XVIII, as ciências biomédicas foram responsáveis pela interdição da homossexualidade. O papel da mulher, até então, vista como ser inferiorizado, não possibilitava a ascensão ao âmbito social, apenas a sua reclusão. Portanto, para a mulher estava destinado o espaço privado do lar, enquanto o espaço público era ocupado praticamente pelo homem (ANTUNES, 2017). Apesar de que a mulher negra sempre esteve no espaço público trabalhando.

As diferenças entre corpo masculino e feminino foram estabelecidas pela classe médica. Essa justificativa biológica amparava, naturalizava e “explicava” a dominação social do homem em relação à mulher. No entanto, à época, aquele que conhecemos como sendo o “homossexual”, passou a ocupar então o lugar que a mulher ocupava até o século XVIII, isto é, passou a ser o homem invertido. Assim, nas palavras de Antunes (2017):

A partir de então, começou-se a querer entender os mecanismos deste “desvio instintivo da sexualidade normal”, a fim de corrigi-los. Conforme defende Foucault (1993), o homossexual é visto como uma ameaça ao sistema de funcionamento social, modelo de família e perpetuação da espécie. A prática da sodomia é transformada na figura do sodomita, ou seja, antes do século XIX, o que havia era somente a prática da sodomia, e não a figura do sodomita. A orientação do desejo afetivo sexual passa a definir a identidade total de um sujeito. (ANTUNES, 2017, p. 42).

A mulher, até então, vista como ser inferior, transfere essa característica negativa também ao *gay*, que assume todas as prerrogativas negativas do ser feminino, até então considerado fraco, submisso, frágil e dependente. Ser *gay* então passa a ser motivo de redução da sexualidade, pois acreditava-se que ele necessariamente ostentaria características consideradas culturalmente femininas. Antunes (2017) explica, ainda, que:

Somente desta forma a inversão poderia ser explicada, pois estava de acordo com as normas vigentes de gênero. A compreensão apresentada pela medicina da época era que o sujeito tinha o corpo de homem no qual “habitava uma mulher”. Seu psiquismo era considerado feminino, por isso que ele sentia atração afetivo/sexual por homens. As normas de gênero organizavam o funcionamento da célula (a família) fundamental que sustentava o sistema burguês. Tais sujeitos eram considerados perversos, pois seus instintos sexuais foram degenerados. Além disto, eram vistos como inferiores, pois subvertiam a ordem moral da sociedade. Conforme já salientado, o grande preconceito na verdade era contra os aspectos considerados femininos quando se apresentava no indivíduo chamado de invertido.

Tais características eram associadas ao preconceito milenar já existente contra a mulher. (ANTUNES, 2017, p. 43).

Ocorre que essa ordem moral da sociedade foi construída na sociedade burguesa da época, que reverbera ainda hoje na sociedade atual – apesar das mudanças que percebemos, principalmente dos modelos de família tradicional e família ampliada – pensando não a homossexualidade como sendo algo simplesmente ruim e pecaminoso. A justificativa para a interdição da homossexualidade e sua conseqüente patologização vem de outro lugar, pois nas palavras de Antunes (2017):

Era necessário um conhecimento e ordenamento dessas populações para que elas se adequassem ao novo sistema político e econômico que surgia: o capitalismo industrial, agora incorporado ao capitalismo comercial. O processo de urbanização gerou pressão, anonimato e a criação dos chamados “desviantes” que não se adequavam às normas reguladoras das estruturas de poder e o funcionamento social capitalista e urbano. Assim, por exemplo, o desempregado passou a ser patologizado de “vagabundo” e a prostituta de “compulsiva sexual”, ou seja, em geral, aquele que não fosse economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, era considerado “anormal”. (ANTUNES, 2017, p. 46).

Sobreveio àqueles sujeitos que demonstravam uma sexualidade não-heterossexual serem considerados “anormais” perante a sociedade da época. Diante desse fato, façamos uma correlação aos dias atuais, em que a homofobia é um problema social que ainda vigora na sociedade hodierna. Assim, as ciências biomédicas fizeram nascer o termo “anormal”. No entanto, quando mal utilizado pode gerar muitos transtornos, pois quem poderia considerar alguém como “normal” ou “anormal”, àqueles a quem foi dada a primazia do determinismo biológico? Portanto, devemos entender o termo como algo que deve ser lido de forma muito cuidadosa, pois pode relegar aos sujeitos não-heterossexuais um lugar de desprezo, sendo perpetuada sobre estes a homofobia internalizada.

Em *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault (1988) nos traz um dado interessante a respeito da interdição da sexualidade em meados do século XVIII, vejamos as palavras do autor:

Para Foucault, em *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, traz a sodomia - a dos antigos direitos civil ou canônico - considerada como um tipo de ato de interdição, em que o autor não passava de seu sujeito jurídico. Assim, nas palavras dele, o homossexual do século XIX, se tornou uma personagem: um passado histórico, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa, pois nada daquilo que ele é, escapa à sua sexualidade, pois ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita, por tanto, sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se

traí sempre. Por isso, é de sua essência, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. (FOUCAULT, 1988, p. 44).

A medicina moderna, até bem pouco tempo, ainda considerava o comportamento homossexual como uma manifestação patológica, sendo vista como desvio sexual, tendo sido constado inclusive no CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde). Em 1952, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) publicou a primeira edição nacional do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Nesse manual, encontra-se uma categoria genérica denominada de “Desvio sexual” em uma subcategoria genérica denominada de Transtorno de Personalidade Sociopática”, em “Transtornos de Personalidade”. Estava categorizado como doença junto com a homossexualidade o transvestismo, a pedofilia, o fetichismo e o sadismo sexual (incluindo estupro, ataque sexual, mutilação) (ANTUNES, 2017, p. 78).

Assim, a ciência da época considerava a homossexualidade como doença, só vindo a despatologizá-la somente com a publicação do DSM III, em 1987. No entanto, no Brasil, já ocorriam movimentos pela despatologização da homossexualidade, conforme o excerto abaixo, podemos perceber que a homossexualidade passa a ser então desconsiderada como doença:

Em 1985, o Conselho Federal de Medicina do Brasil retirou a homossexualidade da condição de desvio sexual e doença. Em 1989, o código de ética dos jornalistas brasileiros passou a incluir a proibição de discriminação por orientação do desejo afetivo. Em 1992, a Associação Americana de Psiquiatria, reconhecendo o poder do estigma contra a homossexualidade, emitiu um comunicado, reafirmado pelo seu Conselho de Curadores que considerava que a homossexualidade em si não implicava qualquer prejuízo na estabilidade, julgamento, confiabilidade, capacidades sociais, profissionais gerais. A Associação Americana de Psiquiatria apelou a todas as organizações internacionais de saúde e organizações psiquiátricas em outros países para pedir a revogação da legislação que penalizava os atos homossexuais por adultos em privado (ANTUNES, 2017, p. 103).

Frente ao que foi exposto, percebemos o quanto a homossexualidade sofreu interdições, seja pela Igreja, seja pela própria cultura, pelas leis e ou pelas ciências médicas. O preconceito que vemos hoje ainda é um resquício dessa construção da homossexualidade como doença ou algo pecaminoso. Assim, percebe-se o quanto é necessário discutir sobre o assunto na intenção de proporcionar uma cultura de valorização do ser humano, sobretudo aquele que, por ter uma orientação não-heterossexual, acaba sendo alvo da homofobia e do preconceito por parte daqueles que ainda não conseguem compreender que a homoafetividade não é algo ruim, pelo contrário, é uma característica subjetiva das pessoas que, junto com outras, nos fazem sermos únicos e especiais.

Nessa perspectiva, frente ao que foi trazido principalmente, foi necessária uma mudança de atitude e, a partir do aparecimento, no século XIX, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico”, isso permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais, nessa região de “perversidade”, mas, também, possibilitou a constituição de um discurso de “reação”; a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade”, e, muitas vezes, dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 1988).

Dessa forma, passamos a compreender melhor como a homofobia internalizada é operada nos espaços de poder, passando a analisá-la dentro da cultura militarista, que engendra e opera também uma interdição à homoafetividade.

2.1 A cultura militarista que forja a heterossexualidade compulsória

Quanto mais uma orientação sexual não-heterossexual assume o status de doença, perversão, pecado, degeneração ou anomalia, maior será a legitimidade da heterossexualidade compulsória. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 72).

Na caserna, a cultura militarista é a força motriz que reproduz o preconceito e a homofobia internalizada. Desde a formação teórica até as práticas cotidianas, nas ruas, essa cultura se entrelaça na vida dos militares de forma inconsciente. Frente a essa constatação, faz-se necessário questionar quais as causas dessa homofobia? Por que a cultura militarista ainda endossa a conduta homofóbica entre os militares? Seria o estereótipo de homem militar o causador dessa homofobia?

O antropólogo estadunidense Clifford Geertz (2008) entende a cultura como sendo uma teia de significados, cuja tessitura coube ao homem, que, por sua vez, nela se amarrou. Para o autor, "os indivíduos sentem, percebem, raciocinam, julgam e agem sob a direção destes símbolos. A experiência humana é assim uma sensação significativa, interpretada e aprendida" (GEERTZ, 2008, p. 4).

Corroborando com Geertz (2008), a cultura militarista é o resultado das significações e interpretações que foram forjadas na caserna, na qual a postura do homem militar não pode ser confundida, em hipótese alguma, com quaisquer outras posturas desviantes da norma heterossexual. Esse desvio está sujeito ao julgamento moral e cultural. O militar que se desvia dessa conduta é rapidamente punido, seja com palavras, olhares, risos desconcertados, humilhação, rebaixamento da dignidade e escárnio por seus pares.

Podemos entender que a presença de pessoas de orientação não-heterossexual no quartel mostra-se por vezes como sendo ameaçadora da moral do homem militar. Assim, podemos dizer que a existência da sexualidade nesse ambiente deve obedecer a certos padrões de conduta, sendo a ela impostos comportamentos de viés machista, por vezes estereotipados. Para se viver nesse ambiente, o sujeito *gay* deve obedecer a certos padrões de conduta, que não podem ser contrários aos valores morais construídos ao longo dos anos. Sobre essa proibição, assim afirma França (2016, p. 159):

Nessas corporações, a formalização dos regulamentos mantém estreita relação com os valores morais que norteiam a conduta dos PM's, o que se traduz no "pudonor policial militar". Assim como ocorre no Exército, esse aspecto deontológico acaba, pois, por servir de mecanismo cultural para o enaltecimento do éthos masculino em detrimento da presença de indivíduos homoafetivos nos seus quadros.

Essa formalização dos regulamentos, influenciada principalmente pelos valores morais militares, interdita a existência das orientações sexuais não-heterossexuais, forjadas, principalmente pela heterossexualidade compulsória.

Além disso, recai ainda sobre os sujeitos *gays* certos estereótipos que reforçam a imposição da norma heterossexual, muito influenciada pelo modelo de homem que se espera na caserna. Sobre isso, assim declaram França e Leon (2021):

Os gays acabam assumindo uma posição intermédia, anormal, porque não são nem homens, no sentido legítimo da crença comum, nem mulheres. Mas ainda parece-nos que quando assumem a posição de passividade própria das mulheres, pelo escopo da "dominação masculina", o que se nota, pelo estereótipo da performance baseada em trejeitos feminilizados, é que eles se tornam alvo maior de estigmatizações e preconceitos, por negarem a identidade viril masculina entregando-se aos prazeres corporais e publicamente mostrando essa imagem, traindo o papel de macho que lhe foi atribuído por uma imposição biológica. (FRANÇA; LEON, 2021, p. 1).

Nesse sentido, é importante compreender essa construção e entender que esse estereótipo de *gay* é influenciado pela lógica machista de enxergar o homossexual como um sujeito que na verdade quer ser mulher e não homem. Assim, Elisabeth Badinter (1999) discursa sobre a necessidade do homem de ter que negar ser *gay* e mulher, para se declarar homem:

A heterossexualidade é a terceira prova negativa da masculinidade tradicional. Depois da dissociação da mãe (eu não sou bebê), da distinção radical em relação ao sexo feminino (eu não sou uma menina), o menino deve (se) provar que não é homossexual, portanto não deseja outros homens nem quer ser por eles desejado. Em nossa civilização predomina a ideia de que um homem de verdade prefere uma mulher, como se possuir uma mulher reforçasse a alteridade desejada, afastando o espectro da identidade: ter uma mulher para não ser uma mulher. Para alguns, o fato

de não ser homossexual basta como garantia de masculinidade. (BADINTER, 1999, p. 99).

Assim, percebe-se que para a construção do gênero homem na sociedade é necessário negar ser mulher e negar ser *gay*. Na caserna, essa negação segue a mesma lógica, porém aqui temos o incremento de uma cultura masculinista que acaba obrigando esse sujeito a seguir um padrão previamente estabelecido e forjado nos padrões de masculinidade já existentes. Desse modo, a existência de um sujeito que seja assumidamente *gay* coloca em evidência a moral, digamos assim, que esse homem teria no seu cotidiano, junto aos colegas de trabalho.

Em contrapartida, sofrer as imposições que a heterocisnormatividade traz é algo corriqueiro, não é raro me deparar com casos de homofobia, pois todos sabem dizer a postura que devo seguir, ou seja, o poder disciplinar nos mostra, nesses casos, que qualquer sexualidade desviante da norma socialmente estabelecida será criticada, na intenção de se corrigir o anormal, pois, conforme Foucault (2014, p. 167):

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. (FOUCAULT, 2014, p. 167).

Aqueles que escapam à heterossexualidade compulsória são rapidamente punidos pelo poder disciplinar, afinal a homofobia não atinge apenas os *gays*, alcança, pois, toda a sociedade, sendo todos nós ferramentas desse sistema opressor, sem exceção, desde o agressor, o sujeito que sofre, ou até mesmo aquele que presencia, mas nada faz.

Quantas vezes não fui chamado a atenção, seja por causa da minha postura, seja por causa da minha voz (minha voz é bastante efeminada), seja por causa do meu andar, meu modo de falar e atitudes feminilizadas.

Em uma determinada situação, estava escalado¹³ com uma policial mulher. Juntos, faríamos o policiamento em determinado local. Na ocasião, estávamos tirando as faltas¹⁴.

¹³ Ser escalado com alguém é trabalhar juntos, nas jornadas de serviço, sejam em duplas ou trincas, nas mais diversas modalidades de policiamento, seja de viatura ou através do policiamento a pé.

¹⁴ Tirar as faltas é o momento em que se verifica quem compareceu ou não, para a jornada de trabalho.

Éramos doze militares, para cobrir uma pequena área de atuação. Havia diferentes tipos de homens e uma mulher ali presentes. E em relação à compleição física, é comum encontramos homens de grande porte nesse tipo de serviço. Nesse dia, havia dois rapazes altos e fortes, dentre os doze mencionados. De repente, para minha surpresa, fui questionado por um superior hierárquico se eu, por acaso, não queria trabalhar com “dois homens grandes como esses”, - apontou para os demais soldados ali presentes - para fazer minha segurança, uma vez que eu estava escalado com uma policial mulher. Respondi não ser necessário, pois se eu havia sido escalado com aquela policial, de fato, seria porque nossos superiores nos consideram capazes de resolver as situações concernentes ao serviço policial. Ao final, disse: *“não precisa se preocupar com isso, estamos bem acompanhados”*.

Essa cena nos traz à tona a compreensão ainda circundante nas mentes daqueles limitados a enxergar o mundo com as lentes do machismo. Para eles, o fato de um militar *gay* ser escalado com uma mulher representa a perda da moral militar, já que no entendimento deles, ali estavam presentes, na verdade, duas mulheres, pois de forma errônea e estereotipada, muitos acham que o homem *gay* quer ser mulher, o que não é verdade, pois o homem *gay* também trata-se de um homem, com os mesmos atributos dos outros, o que os difere é a orientação do desejo afetivo sexual, isso sim pode ser diferente, pois estamos falando de desejos, de algo muito subjetivo.

Na caserna, escalar duas mulheres na mesma composição é algo que não ocorre, pois duvida-se do vigor físico feminino, pois ainda muito se acredita na ideia de que duas mulheres não seriam respeitadas, ou não poderiam desempenhar um trabalho igualmente a dois homens. De forma análoga, um homem *gay* e uma mulher juntos, nesse tipo de trabalho, suscitam dúvidas acerca do quanto podem ser respeitados, em um eventual cenário, em que necessite empregar a força física nos mais diferentes conflitos inerentes ao serviço operacional. Para Andrade (2017, p. 34), “a masculinidade age ativamente, no processo de subjetivação dos indivíduos, pois cria a identidade do indivíduo que, biologicamente, é homem e tem que assumir as características historicamente estabelecidas para sua condição biológica”.

Dessa forma, na condição de homem, devo me apresentar de acordo com o gênero atribuído ao nascer. Se, no entanto, de forma inintencional, me desviar desse padrão, serei lembrado rapidamente a não me distanciar dessa norma. Na presença de uma mulher, pois, devo lembrar: não sou também uma, devo ficar ao lado de outros homens, para servir de referência, é por isso que fui questionado sobre a necessidade de estar ao lado de dois “homens grandes e fortes”, visto que, de forma inconsciente, poderia me espelhar neles, para

tentar manter o padrão hegemônico. Quando isso ocorreria na presença de uma mulher? Nós dois juntos, no mesmo posto de trabalho, não daríamos conta? Aquilo me incomodou na época e me incomoda até hoje, anos depois. Ironicamente, passei algum tempo trabalhando com essa policial mulher. Por certo, despertamos muitas dúvidas nas pessoas e nos demais colegas de trabalho. Conseguiríamos nos sair bem nas ocorrências policiais?

Passados dois anos juntos, na mesma composição e no mesmo local de trabalho, fizemos prisões, apreendemos drogas e nunca fomos desrespeitados por ninguém. Lembro-me de que éramos os primeiros a chegar nas ocorrências e nos apoios policiais solicitados. Contrariando aquela fala do meu superior, não precisei de um homem grande para fazer minha segurança, muito pelo contrário, ofereci aquilo que tinha e dei o meu melhor, sem me preocupar com os falatórios das pessoas ou com o preconceito que iria ter que enfrentar.

2.2 O poder disciplinar que forma corpos obedientes

Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. (FOUCAULT, 2014, p. 169).

Viver na pele o poder disciplinar não é algo novo para mim. Rememorando um episódio de homofobia, por mim sofrido, mostrarei como esse poder dialoga bem junto a esse poder normalizador. Era uma tarde de junho. Sob o sol, 30 militares enfileirados, prontos para o serviço, participavam da preleção¹⁵. O lugar era o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura. De longe, podemos nos perguntar, algo de errado poderia ocorrer numa cena destas? Resposta: a razão de estarmos ali. A comemoração daquele dia não era algo cotidiano, ordinário, como se diz na caserna. Aquele dia era o 28 de junho, dia comemorativo do orgulho LGBT, em todo o mundo, dia também denominado como *Gay Pride*¹⁶.

¹⁵ A preleção é o momento em que as ordens são repassadas à tropa, antes de se iniciar o serviço propriamente dito nas organizações militares.

¹⁶ O Dia do Orgulho LGBT foi criado e é celebrado em 28 de junho em homenagem a um dos episódios mais marcantes na luta da comunidade gay pelos seus direitos: a Rebelião de Stonewall Inn, em Nova York, nos Estados Unidos.

Figura 1 – Banner, *Gay Pride*

Fonte: Centro Acadêmico de Direito Édson Luís.

Sob as ordens de um superior hierárquico, comandante da operação, fui apontado da fração ali disposta, colocado em destaque. Mas porque logo eu, então soldado, fui destacado dos demais? Havia outros militares ali, inclusive de graduações¹⁰ superiores à minha. Ouço meu nome sendo chamado e, para minha surpresa, fui indagado com a seguinte pergunta: - Soldado, diga pros outros companheiros aqui presentes, o que “esse” seu pessoal está fazendo aqui?

Não acreditei, aquilo estava acontecendo comigo? Por que justamente eu estava sendo chamado a atenção, destacado dos demais militares ali presentes, sendo questionado o porquê de o meu “pessoal” estar ali? Quais motivos perpassaram na cabeça do meu superior, para ele, de forma abrupta, me delegar a função de explicar, esclarecer, enfim, dar uma satisfação para aquele evento estar acontecendo? Não seria isso atribuição dele? Respondi, prontamente: Senhor, hoje é um dia muito especial, no qual se comemora o dia internacional do orgulho LGBT, motivo pelo qual estamos aqui, pois estamos assegurando às pessoas aqui presentes, poderem comemorar o seu dia, com a segurança devida, pois foram direitos negados durante muito tempo. As pessoas aqui presentes sempre foram marginalizadas, mas estamos aqui para não deixar que isso aconteça, senhor! Essa é a razão para estarmos aqui, hoje!

Essa cena nos mostra o que de fato se esconde por trás da ação exercida pelo meu superior. Ele não queria saber o que estávamos fazendo ali. Nós estávamos fazendo segurança

pública. Ele queria saber se eu me sairia bem, numa situação de exposição. Não havíamos combinado previamente sobre eu ter que falar à tropa em forma, sobre o dia internacional do orgulho LGBT. A meu ver, tudo fora feito de caso pensado, na intenção de tentar me diminuir, frente à tropa. Porém não ocorreu, de fato. Para surpresa dos que ali estavam, e para minha própria surpresa, logo compreendi que aquele momento tinha, como fundo, o poder disciplinar, fortemente marcado pelo controle.

Nesse sentido, assim discorre Foucault (2014, p. 173-174) acerca do poder na vigilância hierarquizada das disciplinas:

A vigilância hierarquizada, contínua e funcional não é, sem dúvida, uma das grandes “invenções” técnicas do século XVIII, mas sua insidiosa extensão deve sua importância às novas mecânicas de poder, que traz consigo. O poder disciplinar, graças a ela, torna-se um sistema “integrado”, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. **Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo**; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede “sustenta” o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um “chefe”, é o aparelho inteiro que produz “poder” e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados em grande parte em silêncio. A disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência. Poder que é em aparência ainda menos “corporal” por ser mais sabiamente “físico” (FOUCAULT, 2014, p. 173-174).

O poder ali exercido pelo superior hierárquico nos mostra como podemos estar refém dessa rede de vigilantes muito propensos a uma atividade que exorta a disciplina, a coerção, o prazer trazido pelo constrangimento frente à situação narrada.

Ironicamente, nunca imaginaria que uma situação tão embaraçosa como essa me colocaria afinal em um outro lugar: o de educador. Diante dessa situação difícil, consegui me sair bem, pois àquela altura, encontrava-me bastante avançado nas minhas leituras no meu curso de graduação, oportunidade em que pude aprender muito sobre as questões que envolvem direito de pessoas LGBT, inclusive havia descoberto há pouco tempo a data em que se comemora o Dia do Orgulho.

Naquela ocasião, pude confrontar a homofobia exercida pelo meu superior, uma vez que não me calei, respondi à altura, deixando de me calar e me empoderando. Foi um momento ímpar, pois nunca havia me imaginado falando para uma tropa, sobre uma questão para mim tão cara, pois, no dia do Orgulho LGBT, pude mostrar para todos ali presentes que há honra e glória em ser *gay*, e que não há problema algum nisso, ao contrário, devo dizer aos demais que sou orgulhoso de o ser, apesar de o restante da sociedade ser contundente em não me deixar esquecer que fujo à norma heterossexual, conforme bem demonstrado na atitude do superior hierárquico, quando, em forma, me destacou dos demais militares, e, exercendo seu poder disciplinar, questionou o que “esse” pessoal estaria fazendo ali, naquele dia e lugar?

No entanto, contrariando o poder ali personificado na figura do comandante de tropa, consegui desvencilhar-me do suposto vexame, a mim destinado. Assim, através da educação informal, contornei a situação, demonstrando, para aquele público, que baixar a cabeça para a homofobia não teria lugar nas minhas ações. Pude, através da minha fala, criar um momento educativo, e a educação informal foi minha aliada naquele processo de (des)construção, pois, conforme Brandão (2007, p. 7), ao considerar como educação informal todas as práticas desenvolvidas em espaços não escolares, salienta:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Mas não foi sempre assim. Quando adentrei aos quadros e vesti minha primeira farda e coturnos, enfrentei muita resistência por parte dos meus pares. Não fui sempre bem recebido nos lugares a mim designados para fazer meu trabalho. Enfrentar a homofobia é tarefa diária, faz parte do meu cotidiano ressignificar esse tão árduo preconceito, que acomete tantos e tantos companheiros.

Essa demarcação de território faz-se necessária, pois, ao impor uma postura heteronormativa, o superior reforça o estereótipo de homem militar, forte, viril, que não pode oferecer perigo, haja vista sua condição sexual. Nesse sentido, França e Leon (2021) delineiam a necessidade de construir os filhos da pátria, quando trazem, por meio da herança histórica, a origem dos filhos da pátria, vejamos nas palavras dos autores:

Assim, se a nação necessitava de homens que casassem e procriassem para gerar os futuros filhos da pátria, aqueles que seriam preparados para defender o território nacional, restava aos comportamentos contrários a essa lógica de matriz masculina a ideia de serem uma doença, degeneração ou perversão, visto que não contribuíam para a saúde da nação, que só poderia ser obtida por meio de corpos “úteis” e

“dóceis”, porém viris e fortes para o manuseio das armas. Esse processo se estendeu das Forças Armadas às Polícias Militares, já que estas últimas, desde que foram criadas em meados do século XIX, sempre se utilizaram do modelo de organização do Exército e até hoje são constitucionalmente Forças auxiliares e reserva do Exército. (FRANÇA; LEON, 2021, p. 1).

Os filhos da pátria, nesse sentido, não poderiam se distanciar da heteronorma sexual, pois acabariam se tornando os chamados degenerados, ou pervertidos. No meio militar, é bastante presente a ideia do pederasta, aquele que, desviante, poderia colocar a moral da tropa em risco.

Mas, ao estudar e me desenvolver, no espaço acadêmico, tive a oportunidade de conviver com pessoas diferentes, viver experiências diversificadas; pude perceber que a cultura militarista não poderia me moldar a ponto de modificar minha própria forma de ser e minhas características pessoais, pois, ao contrário do que muitos podem achar, o militar também pode ocupar outros lugares não limitados aos muros do quartel.

No meu percurso de formação acadêmica, pude perceber o irrefutável encontro com a homofobia e lidar com isso é uma necessidade a mim imposta. Por mais diferenciado dos meus pares, por mais pedagógico que eu possa ser, nunca ficarei totalmente livre dos episódios de homofobia, pois ela está incrustada em toda sociedade, seja no quartel, na escola, em casa, no seio da família, é um destino inegável, intangível, não posso escapar dele, não há escolhas, apenas devo enfrentar, e prefiro fazê-lo de forma pedagógica. Para mim, é uma oportunidade encontrada para discutir a homofobia e procurar entender os motivos subjacentes, quando uma pessoa pratica esse tipo de violência contra alguém.

3 A DISCIPLINA QUE FABRICA OS CORPOS “DÓCEIS”, A PARTIR DO ADESTRAMENTO DOS SUJEITOS

Se há um elemento paradoxal no preconceito é que ele nos impede de “ver” o que “não vemos” e “o que é que não vemos”, ou seja, ele atua ocultando razões que justificam determinadas formas de inferiorizações históricas, naturalizadas por seus mecanismos. Em outras palavras, o preconceito nos impede de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 67).

A entrevista é, seguramente, o momento mais importante nessa etapa da pesquisa. Frente ao olhar do outro, confrontamos o nosso próprio, na certeza de que as vivências das pessoas são dotadas de significado e importância; trago para esse capítulo a experiência que tive com as entrevistas com os colaboradores dessa pesquisa. As pessoas que escolhi para entrevistar são pessoas que já conheço, elas não são desconhecidas para mim. Não é simples se abrir, ainda que para uma pessoa conhecida e contar os mais recônditos segredos. São questões de ordem pessoal.

Quando estava pesquisando para construir a metodologia da pesquisa, passei por textos, como os de Cruz Neto (1994), que trata justamente dessa dimensão da entrevista, “ela nos chega em tom de confiança”. E não falamos nossas confidências assim, de qualquer forma, precisamos estar preparados para deixar o outro mergulhar no nosso mar pessoal. E não é sempre que o nosso mar está pronto para o outro navegar. Percebi que não é fácil falar de nós mesmos, afinal temos que nos reconectar com dores vividas, com situações que nem sempre são agradáveis para serem recontadas. Quando falamos de nós, surgem sentimentos que nos tomam, é uma grande onda de sensações que, quando chegam, transbordam. E, nesse processo, se não estamos preparados para o mergulho pessoal, podemos nos afogar nas ondas da dimensão do nosso eu.

Nessa esteira, percebo ainda que não é sempre que podemos falar de violência sofrida, pois lembrá-la é fazer com que ela volte à tona, e isso é indesejável. Sem contar que nem todas as pessoas conseguem de fato entender que sofreram violência. Eu mesmo em determinados momentos não entendia que a homofobia é algo muito sutil, que às vezes não nos chega da forma que deveria chegar, que está camuflada com roupagens distintas; para muitos, a homofobia trata-se apenas de uma brincadeira, alguns vão dizer que é “mi mi mi”.

Falar abertamente sobre o vivido, mostrando as faces da violência, não é fácil. Assim, a priori, intentei fazer entrevistas com 6 ou 10 colaboradores, mas alguns desistiram e outros negaram. No começo, imaginei que seria algo simples, não teria muitos problemas em conversar com pessoas que eu já conhecia. No entanto, os obstáculos se avizinham, as dificuldades sobrevêm. Certamente, nem nos meus maiores pesadelos eu poderia imaginar a

avalanche de recusas que recebi por parte das pessoas que eu escolhi previamente para entrevistar. Eu simplesmente fui pego de surpresa. As justificativas foram muitas, que não poderia ajudar na minha pesquisa, que o tema era muito delicado. Pensei até em desistir da pesquisa. Cheguei num ponto em que eu tive que repensar a minha atividade de pesquisador. Quando cheguei nessa margem do rio, fiz a mim mesmo uma pergunta: por que as pessoas não queriam me dar entrevistas? Quais seriam as questões que elas traziam para não se abrir comigo? Por acaso, já não eram todas minhas conhecidas?

A priori, não entendi, não imaginei que fosse algo corriqueiro, a negativa das pessoas me assustou muito. Então, pus-me a refletir. O que eu, de fato, queria daquelas perguntas que previamente construí? Qual era minha intenção ao confrontar meus entrevistados, numa conversa franca e direta? Por que será então que eles simplesmente não quiseram me retornar, ficando apenas no ‘vamos marcar’!?

Dias após refletir sobre o que aconteceu, pude perceber algo no ar. As pessoas não quiseram falar porque não é fácil falar de algo que machuca, de algo que dói. Não é simples se abrir, ainda que para uma pessoa conhecida, e contar os mais recônditos segredos. São questões de ordem pessoal.

Mas, apesar das negativas, consegui algumas entrevistas. Meu colaborador, no primeiro contato com ele, disse que o meu trabalho se trata de uma pesquisa por meio da qual procuro entender como ocorre a homofobia internalizada. Aqui, utilizarei um nome fictício, pois o entrevistado solicitou que escolhesse um nome por minha livre vontade. Sol é um homem cis, gay, tem 33 anos, é policial militar, e está na instituição há 12 anos. Escolhi ficticiamente por ter origem com a palavra *Saewel*, que significa brilhante, alegre, suas características subjetivas me levam a isso. Além disso, acredito que nenhum homem policial irá se identificar com esse nome, o que não provocará problemas para a pesquisa.

Na primeira oportunidade que tive de convidá-lo para a pesquisa, Sol se mostrou bastante atencioso para tal. Nosso contato foi feito através de mensagem por aplicativo de mensagem, o *WhatsApp*. Em um primeiro momento, marcamos uma entrevista e assim ocorreu. Encontrei com ele no dia 16.06.2022 e pontualmente às 16 horas, de uma tarde muito agradável, começamos nossa entrevista.

Estávamos nervosos, num primeiro momento. E, ao falar da minha própria vida, citei que, ao falar de violência contra pessoas LGBT, temos lugar de fala para tratar sobre o assunto, ele concordou comigo e começamos. A entrevista durou 120 minutos. Utilizei um gravador para a captação e em seguida transcrevi as falas, o que rendeu um material muito rico, que a seguir apresento.

Neste trabalho, me coloco na pesquisa e trago as minhas vivências, e, com a intencionalidade de dialogar com o entrevistado, chamo os sujeitos teóricos para o texto, num movimento triangulado. A análise da entrevista se dará dessa forma. Tal recurso se dá, pois não posso sacar do texto essas construções minhas, pois foram elas que me fizeram chegar a este estágio e sigo dessa forma, até a conclusão da narrativa.

3.1 Violações que sofreram os sujeitos da pesquisa

Como relatei acima, também me coloco na discussão, pois também sofro com as violências pelo fato de ser gay. Em um primeiro momento, início o tópico falando sobre o curso de formação profissional ou curso de formação de soldados, que é o contato inicial de nós, então candidatos, ao mundo militar. Chegar nesse ambiente não é fácil. A priori, senti que ali muita coisa poderia acontecer, pois rapidamente todos passariam a me conhecer, e o meu medo era que todos descobrissem a minha condição: *gay*.

Realizei o Curso de Formação de Soldados nos anos de 2008 a 2009, em uma cidade do interior, Canindé, de onde sou natural. Ao passar dos dias no curso, tudo corria muito bem, os colegas se conhecendo, a relação interpessoal acontecendo. Tudo ia muito bem quando um instrutor disse que ia me chamar de florzinha, isso mesmo florzinha. Achei estranho, mas não questionei. Por se tratar de um instrutor, não quis conflitar. No vestiário, sentia uma certa apreensão por estar perto de homens e ter que trocar de roupa perto deles, não me sentia à vontade. Mas tive que me acostumar com a situação.

Mas relembro um episódio que me marcou naqueles meses de curso. Certo dia, ao apresentar um trabalho na frente, alguns colegas riam de mim, quando eu falava. A minha voz baixa, o meu jeito mais feminino de me portar, certamente chamaram a atenção deles. Eu não entendi inicialmente, mas logo percebi que era pra mim. Eu fiquei desconcertado com aquela situação, eu nunca havia passado por isso. Mas me incomodei e resolvi falar. Disse que não estava satisfeito com aquela situação e que não estava gostando do fato de alguns colegas estarem rindo de mim. Falei também que não estava vendo motivos para aquela risadaria e que ali na frente não tinha nenhum palhaço. Falei isso com a voz muito firme e redargui dizendo que não via motivo para tal embaraço, pois não estava contando nenhuma piada, tampouco estava vestido de palhaço ali na frente.

Essa situação retrata um acontecimento comum que ocorre com os gays: o nosso primeiro contato com pessoas desconhecidas nos traz certa preocupação. Afinal, não sabemos como as pessoas vão reagir, qual será a atitude delas vendo na frente uma bicha muito

afeminada falar. No meu caso foram risos, atitudes infantis sobrevieram na sala. Depois que disse aquelas palavras, aqueles que estavam rindo de mim cessaram. Não me desrespeitaram mais em sala.

Meu colaborador também passou por uma situação muito ruim em seu curso de formação. Abaixo, trago a situação que quero evidenciar:

No curso de formação, também era forte (o preconceito), da mesma forma que teve assédio, ia prum cantinho, chamava... É, assédio. E disse: ‘ó, eu tô doido pra comer um c*, eu sei que tu gosta de dar’. E a pessoa, não sei se era uma jogada, pra saber qual era a resposta, qual era a reação. Tem um determinado momento, é... a gente tem que ser xerife, e pra não dá margem que isso acontecesse, eu ficava um pouco mais robotizado, um mínimo de simpatia, um mínimo de sorriso, e mesmo assim, o monitor da turma, viu que não podia entrar ali, ele pegou e disse assim: ‘tu tá tentando enganar quem?’ Aí ele foi repreendido pelo superior: “não, não faça isso”. Mas são essas coisas. Aí dizia isso, começava a rir e tudo, mas nesse momento em que ele foi surpreendido, porque ele queria levar a pagode, queria ser um engraçadão, mas já que estava vendo que tinha uma tentativa de não levar para esse lado de deboche, ele tentou se aproveitar disso.

Não é fácil existir nesse meio, o machismo ainda é algo que lutamos, inclusive dentro da instituição. A fala de Sol denota bem isso. Se você é gay, não basta ser gay, você tem que estar disponível para mim, para a realização dos meus desejos. Não é incomum ouvir isso, passar pelo assédio e ter que ouvir essas falas. Mas esse episódio de assédio ocorre, pois o assediador pensa que o gay é fácil, que vai estar disponível sempre na hora que precisar, para realizar seus desejos mais sórdidos. Não, o gay não está disponível para ninguém, nós não somos objetificados, nós temos sentimentos e queremos respeito.

Foucault relata essa situação da formação como forma de adestramento, principalmente se os sujeitos estiverem sob a égide de uma homossexualidade demonstrada. O exemplo utilizado é o da escola-edifício, uma verdadeira operadora do adestramento (FOUCAULT, 2014). A escola aqui empregada na metáfora é o espaço da sala de aula do quartel. Ali, todas as atenções recaem sobre aqueles que são considerados desviantes de uma sexualidade hegemônica. O objetivo das aulas está para além da educação militar, será preciso “adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade” (FOUCAULT, 2014, p. 169).

Outra situação relatada por Sol, ainda no curso de formação, gira em torno das confusões que algumas pessoas ainda fazem sobre os termos orientação sexual e identidade de gênero. A mim, ele relatou que uma professora de uma determinada disciplina falara o seguinte:

Tem um outro caso do curso de formação, que era uma oficial, dando aula, aí em determinado momento ela disse que tinha alguns amigos gays na polícia...Uma PFEM, disse que tinha alguns amigos gays na polícia, e que inclusive era travesti, não entendi muito bem isso, mas ela disse que achava um absurdo, apesar de ser amigo dela, achava que a corporação não era lugar para acolher policiais homossexuais. 'Porque tem nada a ver fazer uma abordagem com um brinquinho na orelha'. Ela associou o uso de alguns utensílios na atividade. Em 2010 isso.

Essa confusão ocorre muitas vezes, quase sempre por equívoco, pois as pessoas quase sempre confundem e fazem indistinções entre os termos. Assim, percebo que a referência a travesti é um claro equívoco, pois a identidade de gênero e orientação sexual não são a mesma coisa. Ainda sobre esse ponto, compreendo ser muito necessária uma educação em sexualidades já nos cursos de formação, momento em que os profissionais adentram aos quadros da corporação, no sentido de facilitar um maior entendimento no tocante ao trato que se deve ter frente aos grupos vulneráveis.

Ainda sobre a fala da sobredita oficial, claro que aqui não me cabe julgar as declarações das pessoas, porém preciso problematizar certas posturas, gostaria de frisar essa parte “a corporação não era lugar para acolher policiais homossexuais”. É muito problemática essa fala, e talvez essa seja a violência mais cruel a que está submetida a quase totalidade das pessoas que têm uma orientação não-heterossexual ocupantes de cargos na hierarquia militar. Acredito que não pode ser negada a nossa presença e tampouco privar-nos do exercício do nosso mister.

No entanto, como em qualquer espaço democrático, acredito que a nossa presença precisa ser respeitada. Não que isso seja motivo para ganharmos benefícios exclusivos, essa não é a reivindicação, porém, ao passo que dialogo com meu colaborador, pontuo ser necessária a implementação de uma política pública que seja de fato inclusiva e que receba de forma aberta pessoas de orientação não-heterossexual, e também de pessoas transexuais. Um exemplo que marca uma mudança de postura trata-se do uso do nome social para os ingressantes na Academia de Segurança Pública do Estado do Ceará, AESP, em que, através do Edital de 2022 para o concurso de Soldados PM, observamos que o nome social é algo que poderá ser adotado pelos candidatos trans ou travestis, uma vez que esses solicitem a adoção do nome.

3.2 Primeiras incursões no cotidiano policial: ‘cara, para de desmunhecar, tu pode ser, mas para de desmunhecar’

Neste tópico, passo do curso de formação para adentrar à atividade policial propriamente dita, quando os recrutas passam a pronto, ou seja, quando saem da condição de civil para o *status* de militar. Essa mudança é marcada por profundas transformações interiores, o sujeito passa a ser tratado com um nome de guerra; a farda é a forma como todos somos identificados. Agora as pessoas são consideradas prontas e aptas para o serviço policial.

Uma situação que me surpreendeu, que inclusive fiz referência no tópico anterior, é em relação ao uso de termos chulos, termos que nos chegam e ofendem a nossa dignidade moral. São palavras conhecidas que nos chegam de forma muito desonrosa. “Boiola, frutinha, deixa eu vê, morde a fronha.” Sol me confidenciou ter sofrido, além do assédio no curso de formação, outras formas de violência psicológica, essas palavras de baixo calão foram proferidas a ele, ofendendo sua honra e também a dignidade de sua pessoa. Em 2010, o preconceito para os gays que estavam entrando na instituição era bastante cruel, assim Sol ouvia certas falas já nos seus primeiros momentos em que chegava ao serviço policial:

2010 é velado, é saber, é receber assim: ‘ah eu não quero trabalhar com aquela frutinha!’ Tem um fiscal na preleção dizendo: ‘Ah gente só porque o cara é ou num é’. Aí você: ‘é, talvez eles estejam falando de mim!’ Como não era às claras, era só de fuxico, por fofoca.

O preconceito não parece ser tão velado assim, visto que podemos perceber nas falas que, apesar de não serem ditas diretamente a ele, elas têm caráter homofóbico, pois não podemos deixar de perceber, principalmente ao ler a palavra frutinha, que denota uma severa carga de preconceito, de homofobia.

A interdição da homossexualidade também parte da cultura, dos costumes, não é difícil ver discursos que extrapolam o individual e atingem os gays em geral. Essas falas denotam total falta de empatia por seus pares, resultado de um julgamento moral equivocado, que, ao interditar a existência de pessoas com orientação não-heterossexual, violentam sobremaneira o nosso direito a viver dignamente:

Um discurso que eu escuto muito ainda, que é assim: ‘não, a pessoa pode ser gay, ela pode se relacionar com quem ela quiser, mas’, sempre tem um *but*, ‘não nessa profissão’, que desmunheque em casa. E tem um colega nosso, não vou citar o nome, que um outro colega nosso, que esse outro que é hétero, pegou e disse assim:

‘cara, para de desmunhecar, tu pode ser, mas para de desmunhecar’, eu presenciei essa conversa, ele falou pro outro parar de desmunhecar. Que a pessoa pode ser gay, cada um faz da vida o que quer, mas não nessa profissão, nessa profissão, a nossa. Comigo não, de uma forma geral. Que a pessoa poderia ser gay, poderia ser lésbica, mas não na polícia.

Frente a essa fala, me pergunto: qual o problema de uma pessoa gay ser policial? E quais reverberações esse desmunhecar causa? Não é difícil perceber que esse preconceito com o gay permite que determinados grupos permaneçam posicionados de forma subalternizada na participação e democratização de uma sociedade (PRADO; MACHADO, 2008). Por que nossa presença é tão incômoda? E quem disse que existe uma única profissão em que nossos corpos e força de trabalho sejam utilizados? Assim, concordo com Prado e Machado (2008) quando declaram que:

Inserir no campo da política os elementos constituintes do preconceito homossexual é transformar não só a própria esfera da política — que no liberalismo está pautada por uma racionalidade e argumentação discursiva específicas —, mas também um trabalho cotidiano e contínuo de conscientização do próprio grupo social envolvido. Logo, transformar desejos e formas de amar em questões da esfera pública produz uma dinâmica de mudança na organização dos grupos sociais que pode ser das mais relevantes para a democratização das formas de poder de uma sociedade e dos indivíduos em seu cotidiano. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 80).

Apesar de sabermos que em 2010 a homofobia ainda não é equiparada a crime de racismo, ela existe e precisa ser combatida. Além disso, o advento do nome social para pessoas trans também não era uma realidade, à época. Uniões estáveis para casais homoafetivos serão aprovadas pelo STF (Supremo Tribunal Federal) em 2011, e isso impacta bastante na vida de Sol.

As mudanças ocorrem de forma muito rápida nas relações sociais. Ao ouvir a frase que intitula o tópico, penso, quanta evolução! Às vezes, nem tudo está perdido. Quando cheguei na casa de Sol para entrevistá-lo, fui recebido também por seu companheiro. Eles já estão casados há 8 anos. Sol me relatou que no começo falava muito pouco do relacionamento deles de forma aberta. Falas, como não é “normal” ou que é pecado, foram ouvidas por ele logo que entrou em contato direto com os policiais na caserna. Essas falas fizeram que ele, durante algum tempo, escondesse seu relacionamento dos demais colegas de farda:

No começo não se podia falar namorado ou então eu não me sentia a vontade pra falar namorado, porque as pessoas com quem eu lidava é... falavam que não era natural, não era normal. Ok! Eu não vou me indispor, não estou disposto a me indispor nesse momento pra isso.

Para Foucault, “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. “Em uma palavra, ela *normaliza*” (FOUCAULT, 2014, p. 180). Na instituição a que fazemos parte, essa disciplina está intimamente ligada ao fato de que a penalidade que sofreremos será dada logo no momento em que exercemos o direito de tentar ser diferente. A punição que antes era corporal, com a ajuda de cavalos para rasgar os membros em praça pública, agora será através do “castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (FOUCAULT, 2014, p. 21).

Falas como essa demonstram que alguns pares ainda fazem julgamento moral da homossexualidade, muito embasado, principalmente no que está na bíblia. Mas, como já discuti no segundo capítulo desta dissertação, vimos que muitas das construções trazidas no texto bíblico ainda são muito ligadas a uma moral cristã arcaica e muito tradicional.

No entanto, devemos entender que aquilo considerado normal, na verdade, sofre interdição, pois a distinção que se estabeleceu entre heterossexuais e homossexuais foi construída colocando a heterossexualidade burguesa como natural, ou seja, ela é a única experiência identitária capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável e correta (PRADO; MACHADO, 2008).

No entanto, mesmo com tudo agindo para a repressão da sexualidade, temos um episódio que merece destaque. A própria corporação deu o aval para que Sol e seu companheiro se casassem, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Em um momento muito mais próximo, que eu me casei em novembro do ano passado (2021) foi ventilado a seguinte situação, todos sabiam do meu relacionamento, que já estava há mais de seis anos, diziam que tal casar? Foi a própria corporação que deu um aval positivo, ou seja, teve uma evolução. Esse aval aconteceu, porque teve pandemia, teve muita morte de militares e as companheiras dos militares iam lá fazer aquele processo, procurar seus direitos, pensão, isso e aquilo outro, e como não era no papel, não tinham garantia nenhuma, aí demorava muito mais o processo. Na pandemia, a Covid-19 trouxe esse outro efeito, aí disse assim, até então sabiam que eu já tinha construído patrimônio com meu esposo, mas se qualquer um dos dois morresse, aquele patrimônio construído a partir dos dois, poderia ir pra uma das famílias, ou então o outro não poderia ter direito ao que conquistou, foi aí que acendeu a luz, quando é que você vai casar? Suas garantias ou a garantia do seu companheiro serão perdidas. Eu acho que essa foi a grande virada, se em 2010 sentia todo aquele sentimento como é ser um homossexual dentro de uma instituição, depois da pandemia em 2020, trouxe essa outra perspectiva.

Como sabemos, o STF, desde 2011¹⁷, julgou procedente a união estável de casais homoafetivos, e apesar das negativas em assumir seu relacionamento abertamente, Sol oficializou sua união estável e agora sente que está mais seguro, dentro de seu convívio profissional:

Eu acho que essa foi a grande virada de chave, no meu espaço, eu acho que é muito... Tem uma funcionária lá que ela já trabalha há 30 anos na polícia. Uma civil, mas trabalha pela polícia. Há trinta anos, ela disse o meu caso de eu ter me casado, foi o primeiro durante esses trinta anos e ela disse que não sabia. Teve uma repercussão e nesse momento foi o momento que eu também tive medo, eu disse vou casar e pra receber minhas núpcias o meu nome e do meu esposo vai ter que passar pelo boletim. Aí teve um subterfúgio que eu poderia utilizar o boletim do meu local de trabalho e não o boletim do QCG (Quartel do Comando Geral), só quem era muito próximo iria saber.

Com a abertura da sexualidade e a possibilidade de ser identificado como homem gay, casado, Sol sente que pode sofrer homofobia, mesmo sabendo que isso é crime, ainda sob essa perspectiva, a ideia de sofrer algum tipo de ofensa não é afastada. Por isso, ele usa algumas estratégias de sobrevivência para passar incólume pelos olhares dos agressores:

Para evitar uma repercussão maior. Nas minhas redes sociais, não tem nada que indique que sou militar, eu oculto essa informação, pode ser por questão de segurança, mas tem muito mais a ver com a questão da sexualidade, porque a nossa corporação já era aquela corporação do bizu, muito fofoqueira, isso antes das redes sociais, mas com o advento do *whatsapp*, que a fofoquinha, o bizu, a imagem passa muito mais rápido, e basta ir prum grupo, que vai pra outro.

Porém, o amadurecimento com a experiência de trabalho, a vida lhe trouxe alguns ensinamentos que também compartilho. Sobre isso, o despertar para essa outra experiência como pessoa e como profissional, Sol me confia:

Tem uma entrevista a Glória Maria fez a seguinte reflexão sobre, ela sofria racismo, eu achei muito interessante e eu acabo trazendo pra mim também essa reflexão dela. Que ela diz assim: ‘olha eu sou negra, preta e de fato pode acontecer sim, pessoas não esclarecidas podem me agredir com racismo porém como eu sou mais estudada, sei onde eu estou pisando, sei dos meus direitos, então o preconceito vai chegar em mim de forma mais sofisticada, pela minha formação, não vai ser banal e eu acho

¹⁷ Nesse cenário, 2011 é um marco na trajetória do reconhecimento da cidadania e dos direitos humanos das pessoas LGBT no Brasil. Uma década e meia depois do início da tumultuada e infrutífera tramitação do projeto de Lei 1.151/1995, de autoria da então deputada Marta Suplicy, que disciplinava a união civil entre pessoas do mesmo sexo, o Supremo Tribunal Federal (STF), por unanimidade, reconheceu direitos conjugais e parentais a gays e lésbicas no Brasil. Em 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou a Resolução 175, que “dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo”, cujo artigo 1º textualmente diz: “É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas do mesmo sexo” (MELLO; BRAZ, 2020, p. 167).

que com o tempo ainda acontece, mas chega, não de forma banal, se chega homofobia pra mim vai vir mais velada, que o preconceito é isso, ele é capaz de se modificar, ele vai lhe atingir em alguma esfera. Ainda hoje atinge, mas não diretamente chamando de frutinha, que a gente sabe, fora isso eu posso entrar com todos os recursos, pode ser criminalizado.

E com o despertar de uma nova vida, pode, com todo orgulho, chamar o homem que antes era namorado, agora é marido, esposo, não há porque esconder e negar seu sentimento, pois as construções que foram feitas e que merecem os louros são marcas de uma verdadeira vitória.

Como vimos acima, podemos perceber que Sol mantém uma vida aberta em relação a sua orientação sexual, porém isso não é a realidade entre todos os membros da comunidade a que faço parte. Digo isso porque a entrevista que trarei a seguir deu-se de forma inusitada, quando ao falar um pouco sobre minha pesquisa a um colega, este me revelou que deveria falar com ele, o que me espantou bastante, pois não sabia de sua orientação sexual.

Como relatei acima, nem todos os colegas com que convivo são assumidos na instituição a que faço parte. Isto porque o movimento de sair do armário não é fácil. Nas palavras de Prado e Machado (2008),

O sair do armário, portanto, exige uma ressignificação das características negativas assimiladas bem como o enfrentamento público e político ao desqualificar e tornar visível os fundamentos que justificam a subalternidade e a inferiorização. O que torna o sair do armário um processo, muitas vezes, implicado por sofrimentos aos sujeitos, já que, a partir desta visão, ele exigirá mudanças profundas e concretas na vida dos indivíduos, obrigando-os, na maioria das vezes, a buscar novos espaços de sociabilidade, de trabalho e de identificação. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77).

Dante é um policial militar do serviço ativo, tem 33 anos e é formado em Geografia e em Direito. Ele foi encontrado ao acaso na minha pesquisa, uma vez que foi ele que disse que eu teria que entrevistá-lo. E o fiz. A princípio, não queria fazer a entrevista com ele, pois a primeira declaração de Dante foi a de que não teria muito a acrescentar. Porém, com o passar dos dias, fiquei com aquela fala ecoando e, por vezes, realmente não quis entrevistá-lo por achar que o fato de ele não ter assumido frente a tropa me fez, por alguns momentos, imaginar que realmente ele não teria muito a me acrescentar. Isso porque, a priori, elegi policiais assumidamente *gays* para entrevistar.

Contudo, ao ler um pouco mais, percebi que o sair do armário não é algo que é realizado de forma simples. Para alguns é mais fácil, é o meu caso, não preciso negar minha orientação, afinal, onde quer que eu chegue todos vão perceber devido aos meus estereótipos, como fala fina, andar efeminado, meu jeito menos machão.

Mas, quando encontramos guarida nos outros colegas, tendemos a nos apresentar, a perder o medo do preconceito, pois, nas palavras de Prado e Machado (2008),

Na verdade, o sair do armário só se torna possível a partir da criação de sentimentos de pertença com determinados grupos sociais, os quais são capazes de elaborar sentidos e significados positivos à experiência da homossexualidade, já que normalmente a família e a comunidade são espaços de conservação de valores morais. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77).

E foi isso que aconteceu com meu colega, ele encontrou apoio em mim, para se abrir e falar sobre sua própria identidade, pois, nas palavras dele,

Não é que eu ache que eu não vá contribuir muito, tão significativamente, por não ter tido nenhum embate direto. Eu acho assim por eu ser uma pessoa muito fechada, quando eu vou tirar serviço com alguém eu estudo muito a pessoa, se eu vejo que dá pra conversar eu converso, se eu vejo que não, eu me tranco, e ali ninguém nunca chegou pra mim e disse assim: *ei, tu é gay?* Sabe por quê, (eles) têm vontade? Morrem de vontade, se derem com certeza falam de mim, mas não têm coragem, por que eu me blindo de uma maneira, parece que eu fico assim com um ranço.

Isso existe de fato, quando se está em um ambiente em que você não se sente à vontade pra estar, pois parece que as lentes das pessoas nos enxergam de forma mais clara. Entretanto cada pessoa vive de forma diferente nos ambientes de sociabilidade que estão inseridos. No ambiente militar prevalece a cultura machista, em que a masculinidade é algo que se espera dos policiais homens. Mostrar-se ser gay para os colegas de trabalho não parece ser uma atitude desejável, nem para quem se assume, tampouco para quem escuta, quando se tratam de colegas mais machistas. Isso pode acarretar alguns infortúnios, como o escancaramento da vida íntima, reforçado com os estereótipos já conhecidos por todos. Assim, Dante relata um episódio que expressa bem isso,

Pra mim eles não vão fazer revelações, eles não vão falar abertamente, é sutil. Tipo quando passa um gay eles fazem assim hum, e olham pra você, quando passa uma mulher muito bonita eles ficam falando, esperando pra ver se você tem uma reação daquela, pra ver se puxa alguma coisa, mas eles têm receio de falar, porque sabe que dá problema, o problema que dá se eles se manifestarem abertamente, não seria apenas um dissabor do serviço, é um problema que poderia se tornar um caso jurídico, muitos têm receio.

Desse modo, essa atitude trata-se de uma forma de manutenção de uma estratégia de sobrevivência no meio militar, não se revelar para o público em geral ajuda a manter as aparências, pois não saberemos qual será a reação dos colegas frente à saída do armário. No entanto, mesmo com todas as questões relativas à discriminação da homossexualidade, em

2019, o STF decidiu que a homofobia é um crime imprescritível e inafiançável. Na decisão, o STF entendeu que se aplicava aos casos de homofobia e transfobia a Lei do Racismo (Lei nº 7.716/1989). O artigo 20 da lei em questão prevê pena de um a três anos de reclusão e multa para quem incorrer nessa conduta. Há, ainda, a possibilidade de enquadrar uma ofensa homofóbica como injúria, segundo o Artigo 140, §3º do CP¹⁸.

Como bom conhecedor do Direito, Dante me fala mais sobre o crime de homofobia: “sim, na verdade a homofobia é enquadrada no crime de racismo, no preconceito de raça e cor.” A homofobia é equiparada ao crime de injúria racial, mas motivada por orientação sexual.

Apesar de saber que é crime, os policiais militares recebem treinamento para trabalhar com o tema da homofobia. Em 2006, foi sancionada pelo então Governador Lúcio Alcântara, a Lei 13.833, de 16 de novembro de 2006, que regula e dispõe sobre a inclusão de conteúdo pedagógico sobre orientação sexual na disciplina de Direitos Humanos, nos cursos de formação e reciclagem de policiais civis e militares do estado do Ceará. Mesmo assim, alguns não se furtam em serem desagradáveis, e acabam demonstrando seu preconceito sem nenhum pudor. Dante me confidenciou que uma certa vez estava no posto de serviço e ao passar dois homens caminhando juntos, um policial falou:

As vezes vem dois gays bem musculosos, alguns dizem assim, olha aí parecem dois homens, aí eu digo: é o mundo hoje é assim. Mas eu tiro oito horas com eles, eu procuro não prolongar o assunto com eles, queira ou não queira eles vão falar mal de alguém.

Nessa situação, percebemos a presença da injúria como forma de subalternização do sujeito na cena social. Esse tipo de comportamento é muito normalizado nessa sociedade que preza pela violência simbólica de sujeitos pertencentes ao grupo LGBT. Nesse sentido, concordo com Yago (2017, p. 48):

O insulto demarca a presença do abjeto no espaço comum da suposta normalidade. as existências que escapem a norma frequentemente aprendem sua diferença e sua abjeção sob o choque da injúria e seus efeitos. diante de um mundo de injúrias, o

¹⁸ Por outro lado, o longo silêncio do Congresso Nacional acerca da criminalização da homofobia e da transfobia foi o fundamento primeiro da decisão do STF, em 13 de junho de 2019, relativa à Ação Direta de Inconstitucionalidade por omissão (ADO) 26, proposta em 2013, que consagrou o entendimento de que condutas homofóbicas e homotransfóbicas, que envolvem aversão odiosa à orientação sexual ou à identidade de gênero de alguém, passam a ser compreendidas como expressões de racismo, passíveis das punições previstas na Lei 7.716 de 8 de janeiro de 1989, que “define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor”, até que o Congresso Nacional aprove legislação específica sobre o tema (MELLO; BRAZ, 2020, p. 169).

humilhado se vê obrigado a afrontar as emoções que suscitam essa desagregação forçada, submetendo-se algumas vezes, outras se rebelando. tal poder do controle é introjetado no mais íntimo do sujeito, de forma que a injúria adquire força no assujeitamento dos outsiders pela evocação de subjugo que faz nas dinâmicas relacionais em que é proferida. Quando o que está em jogo é o assujeitamento da existência das pessoas LGBT, a humilhação é sua técnica, e a exclusão social seu discurso. (YAGO, 2017, p. 48).

Outra problemática que me foi confidenciada gira em torno do fato de que alguns homens gays, mesmo os não-assumidos, ainda se policiam em relação a sugerirem sua orientação aos demais colegas, pois Dante me revelou que apesar de não ser aquela pessoa mais declarada, “a gente dá sempre alguma pinta, eu tenho aquela imagem na minha cabeça que eu não posso dar pinta, ter trejeitos, isso é mais pejorativo, é o seu modo de ser, mas isso soa como pejorativo, ah um jeitinho de bicha. Têm pessoas que são delicadas, mas nem por isso são homossexuais. Tem gente que fala grosso, que é casado, mas que...” Assim, observemos as palavras de Prado e Machado (2008, p. 75-76), a respeito do preconceito:

O preconceito opera, ao mesmo tempo, na dimensão do indivíduo e da coletividade, já que não pode ser compreendido apenas na dimensão da racionalidade individual, uma vez que se estrutura a partir de um conjunto abstrato de valores sociais que só encontra substância no comportamento individual, motivo pelo qual afirmamos, neste livro, que o preconceito é um fenômeno psicossociológico. Neste sentido, para superar o preconceito contra GLBTs¹⁹ seria necessário deslocar a “questão” da homossexualidade do âmbito individual para a sociedade, a qual discrimina negativamente a homossexualidade. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 75-76).

Se é difícil para uma sociedade encarar com naturalidade as manifestações das orientações sexuais não-hétero, o que podemos dizer de uma pessoa que passou a vida toda sendo ensinada que homem deve gostar de mulher e vice-versa. Naturalmente, essa pessoa vai tender a não se manifestar, pois entende que se o fizer, poderá sofrer sérias interdições.

No entanto, quando perguntei sobre a presença de policiais que não são assumidamente gays na PM, Dante me respondeu da seguinte forma: “eles tratam de outro jeito, mas te respeitam na sua frente, mas por trás fazem brincadeira, os que não são assumidos, ficam com burburinho, ah você acha que é? Alguns não se assumem e ficam no armário”.

Como já observamos nas palavras de Prado e Machado (2008), a saída do armário não é algo simples e fácil, é preciso ter confiança, pois exige uma resignificação das

¹⁹ Em 2008, ainda se empregava o termo GLBT, mas, atualmente, empregam-se outros termos, tais como LGBT, LGBTIA+. Nesta investigação, optei por empregar o termo LGBTTQIAPN+, por entender que o termo abrange uma gama maior de identidades de gênero e orientações sexuais, não abarcadas pelo termo usado pelos autores citados no texto.

características negativas assimiladas bem como o enfrentamento público e político ao desqualificar e tornar visível os fundamentos que justificam a subalternidade e a inferiorização (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77).

A saída do armário pode implicar sofrimento aos sujeitos, já que, a partir desta visão, ele exigirá mudanças profundas e concretas na vida dos indivíduos, obrigando-os, na maioria das vezes, a buscar novos espaços de sociabilidade, de trabalho e de identificação (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77).

4 A DUALIDADE ENTRE A EXISTÊNCIA E A REPRESSÃO DA SEXUALIDADE

A dualidade entre a existência e a repressão da sexualidade acaba sendo uma realidade muito vivenciada por policiais, que, por serem abertamente gays, acabam sofrendo na pele a discriminação. Essa dualidade se manifesta de diversas formas. Nas jornadas de serviço, eles têm que mostrar uma postura que muitas vezes não condiz com a própria vivência da sexualidade. Em outros momentos, os próprios agressores sofrem a homofobia internalizada, quando, ao escamotear seus desejos, acabam tendo sua sexualidade reprimida.

4.1 A nossa sexualidade não cabe no armário do quartel

Começo esse subtópico afirmando que a nossa sexualidade não cabe no armário do quartel. Digo isso porque ao longo desses anos de efetivo serviço vivenciei muitos casos de homofobia dentro do quartel. Um desses episódios de homofobia me marcou muito.

Em uma determinada situação quando, ao voltar de licença maternidade, uma policial veio trabalhar conosco no serviço interno da unidade. Nesse dia, um policial me disse que eu iria competir agora com essa pefem (policial feminina), pois agora teria outra mulher na unidade. Antes eu não competia com ninguém no quartel, mas, a partir de agora, eu passo a ser comparado com outra pessoa, do sexo feminino, frise-se bem.

Essa cena me marcou muito, pois, ao longo dos anos, sempre ouvi declarações como essa, em que eu aparecia como alguém que é uma mulher. Não que seja algo ruim, o fato de ser comparado com uma mulher, porém a forma como se coloca é que me causa estranheza. No dia das mulheres sempre fui cumprimentado, como se, de fato, eu fosse uma mulher. O que não sou, na realidade. Porém essa comparação sempre ocorreu. E sempre me causou uma série de dúvidas.

Antes, meu sorriso frente a isso era de vergonha, encarava como uma brincadeira. Mas hoje eu vejo de outra forma. Ao comparar o homem gay a uma mulher, o assediador pretende, na verdade, depreciar a figura da mulher, e não a do homem gay. O fato de ser mulher nessa sociedade causa repulsa. Não é difícil ver falas misóginas por toda parte, muitas partindo inclusive do representante máximo da nação.

A mulher sempre foi colocada de forma negativa no centro das atenções, sendo inclusive vista como ser inferior, alvo maior do prazer do homem que enxerga nela seu objeto e ser abjeto. Falas como as que relatei corroboram essa afirmação.

Mas eu tenho que afirmar que sou homem, e não uma mulher. E mais que isso, tenho que deixar claro nas minhas falas que, apesar de ser gay, mesmo assim eu não deixo de ser homem, muito pelo contrário, não posso deixar que haja essa indistinção entre a orientação sexual e a identidade que carrego.

Situações como essa nos mostram que as orientações não-heterossexuais ainda são consideradas desviantes da norma de gênero. Situações como essa me fazem compreender que a minha sexualidade não cabe no armário do quartel. Quando me deparo com pessoas me dizendo como devo ser, como deve ser a postura que devo seguir, não consigo aceitar prontamente. Mas isso existe e ainda precisa ser combatido. Sobre essa predeterminação do sexo, do gênero, da prática sexual e do desejo, Butler afirma que:

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os aspectos de descontinuidade e incoerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38).

Portanto, a manifestação de orientações sexuais que fujam ao que é considerado como gênero inteligível, vai, *a priori*, desencadear uma série de atitudes negativas por parte dos que não compreendem ser a orientação homossexual algo que deve ser encarado normalmente nos modos de ser e viver em sociedade.

A relação sexo/gênero/desejo é portanto uma forma de negar a existência de outras sexualidades que existem no real. Essa heterossexualidade compulsória leva muitos sujeitos a enxergarem de forma distorcida essa existência. Assim, precisamos subverter a ordem então imposta e a partir disso construir novas formas de existência dos indivíduos na sociedade. No meio militar não pode ser diferente. Não podemos deixar que o estereótipo de homem viril, forte e másculo ofusque a existência de outros homens, ainda que não correspondam ao modelo preestabelecido, tanto pelas normas como pela própria cultura.

Em uma outra situação, também vivenciei uma prática de homofobia recreativa no quartel. Em um determinado dia, ao adentrar a sala de um superior, fui falar sobre um assunto de trabalho, quando, ao adentrar a sala, pude ouvir uma fala muito desagradável. Meu superior, (prefiro não revelar a patente, tampouco o nome, para me preservar e me assegurar de quaisquer represálias) com outras pessoas na sala, estavam falando sobre a presença de um servidor assumidamente gay, que trabalhava conosco (também não revelarei o nome para não comprometer a pessoa em comento). O superior dizia ser muito valioso o trabalho realizado

pelo servidor, porém, este ressaltou: “*veio com um defeito*” (sic). Ora, todos ali na sala sabiam do que estava sendo falado. Dito isso, todos olharam em minha direção e com os olhos, eles me diziam: você não vai falar nada?

Eu entendi rapidamente o que aqueles olhares queriam dizer. Todos, na verdade, poderiam também tecer comentários sobre a fala do superior. Mas, como era um superior ali falando, preferiram calar-se, ou porque não sabiam o que emendar, ou porque simplesmente concordavam com o que havia sido dito. Mas prefiro entender que aquele silêncio era na verdade pelo medo da autoridade que ali estava.

Esses discursos da heterossexualidade são, para Monique Wittig, aquilo que ela denomina de discursos apolíticos, que oprimem aqueles que fogem da regra e são alvos da discriminação e homofobia. Para Wittig (1992, p. 24-25)²⁰, uma das principais feministas francesas:

Os discursos que oprimem particularmente a todos nós, lésbicas, mulheres e homossexuais, são aqueles discursos que dão por certo que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Esses discursos falam de nós e pretendem dizer a verdade em um campo apolítico, como se algo daquilo que significa pudesse escapar do político neste momento da história, e como se, no que nos diz respeito, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Esses discursos da heterossexualidade nos oprimem no sentido de que nos impedem de falar a menos que falemos em seus termos. Nossa recusa à interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que negligenciamos a dimensão simbólica. Esses discursos nos negam toda possibilidade de criar nossas próprias categorias. Mas sua ação mais feroz é a tirania implacável que eles exercem sobre nossos eus físicos e mentais.

No quartel, todos têm receio de, ao dizer algo, ser interpretado como indisciplina, ou a qualquer outro crime tipificado no regulamento disciplinar. Ocorre que esse mesmo regulamento, que a tudo pune, também esclarece que todos temos o direito à livre expressão de ideias e opiniões.

Portanto, esses discursos não podem falar por nós, muito pelo contrário, nós é que devemos falar sobre nós mesmos, na tentativa de quebrar a ordem hegemônica dos discursos

²⁰ The discourses which particularly oppress all of us, lesbians, women, and homosexual men, are those discourses which take for granted that what founds society, any society, is heterossexuality. These discourses speak about us and claim to say the truth in an apolitical field, as if anything of that which signifies could escape the political in this moment of history, and as if, in what concerns us, politically insignificant signs could exist. These discourses of heterossexuality oppress us in the sense that they prevent us from speaking unless we speak in their terms. Everything which puts them into question is at once disregarded as elementary. Our refusal of the totalizing interpretation of psychoanalysis makes the theoreticians say that we neglect the symbolic dimension. These discourses deny us every possibility of creating our own categories. But their most ferocious action in the unrelenting tyranny that they exert upon our physical and mental selves.

e, a partir disso, construir novas possibilidades de existência, mesmo que isso tenha que ir de encontro à ordem normativa vigente.

No entanto, pude, na oportunidade, exercer o direito que me assegura falar o que penso, sem medo de ser repreendido. Como resposta àquele que deliberadamente tecera um comentário descabido e desapropriado a respeito da sexualidade de outrem, mas que também a mim se aplicava, elaborei a seguinte ideia: *“ora, não existe isso de defeito, todos nós somos diferentes, não há ninguém igual a ninguém nesse mundo, todos nós somos diferentes, e essas diferenças é o que nos faz sermos esses seres especiais e únicos que somos”*.

Ao dizer isso, todos demonstraram satisfação e alegria ao ouvir minhas palavras, inclusive recebi aplausos de uma pessoa ali presente. Já aquele que declarou ver defeito na orientação não-heterossexual do servidor, nenhuma palavra disse, emudeceu. Saí da sala e segui, minha consciência estava limpa.

Mais uma vez vemos aí presentes resquícios de uma educação que não contempla valores humanísticos, de fato. Percebemos ser nula a existência de empatia presente na fala do superior, pois, ao declarar ver defeito na sexualidade de uma pessoa, o declarante também é levado a pensar seguindo esse padrão construído pela cultura e levado até às últimas consequências, sendo, inclusive, o fundo de verdade para muitos homofóbicos destilarem suas falas cheias de preconceito e ódio. Frente a isso, prefiro ter uma atitude educativa, pois não é sempre que se vê alguém que - em um espaço majoritariamente composto por homens, portanto bastante inclinado a existência de atitudes machistas, - se disponha a defender a existência das diversas sexualidades, sejam elas desviantes ou inteligíveis, como bem coloca a filósofa Judith Butler.

Assim, pude, com essa atitude, exercer o meu direito de não ficar calado frente a falas homofóbicas, pois, como afirmo neste tópico, a nossa sexualidade não cabe no armário do quartel. Ele é muito pequeno para a grandeza das nossas falas e construções. Nossas histórias não são meras histórias, são marcas de uma vivência pesada, mas que podem ser merecedoras de louros e glórias, afinal a nossa existência hoje dependeu da luta de outros que vieram antes de nós. E hoje percebo ser salutar contar essas histórias como forma de mostrar que todos podemos ser mestres do nosso destino.

Quando cheguei no quartel tinha medo de tudo, não falava, pouco me expressava e isso era motivo para que muitos fizessem piadas comigo, rissem das minhas atitudes ou ridicularizassem as minhas ações. Hoje, percebo que o ambiente mudou bastante, seja pelo incremento das leis de criminalização da homofobia, seja pela mudança que se estrutura nas

próprias relações de trabalho que modificam as ações das pessoas em relação ao que vão dizer ou fazer contra as pessoas LGBT.

4.2 O fardamento que heterogeneiza o sujeito de desejo

Na caserna todos compartilham da mesma identidade, policial militar, e isso é bastante representado, pelo uso do uniforme, a farda. Essa forma de identificação acaba sendo uma das formas mais marcantes da heterogeneização dos sujeitos. Isso porque quando utilizamos um mesmo fardamento acabamos por nos escamotear. Nesse verdadeiro dispositivo de controle, alguns podem pensar que por estar com o mesmo fardamento temos que ser necessariamente iguais. E é aí que devemos mostrar que somos diferentes entre si. Não é porque vestimos a mesma farda que temos que seguir uma mesma linha de raciocínio, por exemplo. Não precisamos seguir as mesmas ideias, as mesmas ideologias. Pensar diferente disso seria um erro. Isso se aplica também aos desejos que temos, em relação à sexualidade. Muitos policiais acabam confundindo as coisas e por menos esperado que sejam, acontecem os problemas. Os assédios são muito presentes na nossa vivência da sexualidade não-hétero.

Meu colaborador Dante me confidenciou que, certa vez, um colega de farda lhe mandou mensagens de cunho sexual. Não estou defendendo que não possa haver um relacionamento sexual entre policiais gays, não se trata dessa interdição. Defendo porém que, muitas vezes, somos atingidos e passamos por situações embaraçosas. Não seria mais sincero que alguém interessado em nós falasse de forma aberta, sem rodeios. Por que só pode ocorrer esse tipo de enlace, às escuras, de forma oculta?

Seguindo o mesmo caso de Dante, em que foi assediado por um colega, coloco uma situação que ocorreu comigo, nesse mesmo sentido. Telefonemas com número oculto, mensagens em redes sociais, brincadeiras entre os colegas de trabalho.

Certa vez, quando estava saindo de serviço, um colega me falou as seguintes palavras: “Olha eu te como viu, eu adoro um travesti”. Falou isso de forma totalmente aberta, como se eu fosse um objeto sexual. Muitos colegas acabam tendo suas sexualidades escamoteadas e muito veem, na presença de sujeitos assumidamente gays, a oportunidade ideal para satisfazer suas vontades sexuais, no que chama-se hoje de bissexualidade heteroromântica, ou seja, quando se relacionam com pessoas do sexo oposto, mas que ainda sim têm desejo físico e sexual com pessoas do mesmo sexo.

A regra básica que formam os dispositivos de sexualidade na sociedade moderna seguia a seguinte ordem natural e essencial para a coerência normativa entre homens:

Sexo biológico (pênis- macho) - identidade de gênero (masculina) - papel social de gênero (masculino) - expressão do papel social de gênero (masculino) - orientação do desejo afetivo-sexual (heterossexual) - prática sexual (heterossexual) - posição sexual (ativa). (ANTUNES, 2017, p. 53).

Nessa perspectiva, a direção do desejo afetivo sexual dos homens deveria seguir a ordem natural, ou seja, este deveria ser direcionado para as mulheres. Seu papel social deveria ser masculino, e a expressão do papel social de gênero deveria seguir também esse viés. A prática sexual deveria ser heterossexual e a posição ativa. Esta é a regra básica a que todos os homens devem seguir, para serem considerados normais perante os dispositivos.

Ocorre que, no meio militar, essa regra acaba sendo quebrada quando alguns homens têm seu desejo sexual escamoteado. Como isso ocorre? De duas formas distintas: a primeira quando o homem gay é autorizado a manter seu desejo sexual, sua orientação pode ser sim a homossexual, contanto que essa condição não seja demonstrada. Uso o gay padrão como exemplo disso, em que ele acaba sendo aceito pelos outros colegas, sem a ocorrência da homofobia internalizada. Não estou disposto a construir aqui um juízo de valor para realizar julgamentos entre as pessoas, já que todos temos a liberdade de ser quem se é. Não vou me ater a posturas antiéticas, afinal o pesquisador deve ser moralmente ético para tratar de tema tão delicado. No entanto, nessa pesquisa autoetnográfica, passamos a considerar a história narrativa do pesquisador como forma de obtenção de resultados para a investigação científica.

Antunes (2017) entende que as diferenças de classe, raça/etnia, gênero e geração, por serem corporalmente visíveis, podem ser modificadas. Assim, considera-se fora do padrão quem foge das características esperadas para homens; forte, dominador e definido. Já o físico feminino deve ser definido, delicado e passivo. Dessa forma, vemos que o visual reconhecido como masculino ou hipermasculino serve como uma espécie de defesa contra a associação entre feminilidade e homossexualidade.

E continua discorrendo sobre esse processo do tornar-se padrão:

Pois, o homossexual que se enquadra às normas de gênero, pelo menos na aparência e/ou comportamento, dificilmente será alvo de preconceito. Ser ou parecer masculino é como “permanecer no armário”. Porém, se ele apresentar uma postura feminina seja na vida ou durante a relação sexual sofrerá preconceito por parte do outro homossexual. Portanto, ser ou parecer feminino é como “estar fora do armário”. (ANTUNES, 2017, p. 205).

Utilizarei um exemplo de como isso ocorre na prática. Durante algum tempo, ouvi alguns colegas dizerem que não gostavam de certos gays, porque eles eram muito exibidos,

espalhafatosos, nas palavras deles, enfim, davam muita pinta. Ao ouvir essas falas, eu concordava com eles, corroborando assim com a heteronorma.

Porém, com o passar dos anos, eu fui percebendo que esse padrão que se espera, trata-se na verdade de uma armadilha. Por que nós, gays, temos que seguir um modelo dentro da própria homossexualidade? Na verdade, não temos que seguir, isso é uma imposição injusta a que somos submetidos. Entretanto, alguns colegas acabam entrando nesse jogo de poder, e por vezes preferem manter-se no padrão, do que questionar os modelos existentes.

A outra situação ocorre quando o homem bissexual heteroromântico expõe seu desejo, mas o gay não pode revelar para os outros. Durante as entrevistas, tanto Dante como Sol me revelaram ter sofrido assédio sexual no trabalho. Anteriormente, expus a situação que um colega me disse ter tesão por travestis e que, assim, poderia ficar comigo.

Essa ocorrência trata-se na verdade da existência dos homens bissexuais heteroromânticos (FARIAS, 2018, p. 388), que são pessoas que na verdade se relacionam com mulheres (romanticamente), porém sentem atração sexual por pessoas do mesmo sexo (daí, o fato de serem considerados bissexuais).

Portanto, a repressão da sexualidade se dá de três formas distintas. A primeira diz respeito ao desejo que o gay tem que guardar para si. Ele pode ser gay, porém não pode expressar isso, deve seguir o padrão estabelecido para agir dessa forma, sem demonstração pública do desejo, sem referências ao seu estilo de vida, sem maneirismos ou demonstrações públicas de sua feminilidade. Observamos isso nas falas de Sol, quando dizem sobre ele: “você pode até ser, mas não pode desmunhecar, cara aqui não”.

A segunda, diz respeito ao preconceito que o bissexual heteroromântico tem para consigo. Antunes explica que, no processo de socialização, a homofobia internalizada é introjetada por todas as pessoas, independente de sua orientação sexual” (ANTUNES, 2017, p. 15). E a última diz respeito ao preconceito que o homem hetero tem para com o homem gay. Assim, podemos observar que a repressão da sexualidade segue certos critérios de escolha, podendo, às vezes, aquele que se apresenta como heterossexual, aquele que imagino ser o repressor em todos os momentos, desempenhar o papel inverso, ao demonstrar a homens gays suas preferências sexuais, pois, quando faz isso, de forma oculta das outras pessoas, acaba por também sofrer a homofobia internalizada, incorrendo esse preconceito para com ele mesmo.

Foucault (1984, p. 79) diz que “numa sociedade como a nossa, onde uma censura fundamental opõe o masculino e o feminino, a feminilidade do homem é percebida na

transgressão efetiva ou virtual de seu papel sexual”. Ou seja, você pode ser gay, só não pode demonstrá-lo para as outras pessoas.

Foucault define isso em história da sexualidade II (1984), como o dispositivo de sexualidade, que é o dispositivo de poder que reprime as sexualidades, antes consideradas livres, como na Grécia e Roma antigas - consideremos a figura do eromenos e do erastes - e agora giram em torno da moral cristã de família e heterossexualidade compulsória com modelos estabelecidos de sexualidade. Em contrapartida, o dispositivo de aliança define o proibido e o ilícito nas relações sexuais entre parceiros. Desse modo, nas palavras de Foucault:

O dispositivo de aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito; o dispositivo de sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis polimorfas e conjunturais de poder. O dispositivo de aliança conta, entre seus objetivos principais, o de reproduzir a trama de relações e manter a lei que as rege. O dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com *status* definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. Enfim, se o dispositivo de aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação das riquezas, o dispositivo de sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal - corpo que produz e consome. (FOUCAULT, 1988, p. 101).

Como podemos ver, a história da sexualidade modificou-se de várias formas, sendo a sexualidade reprimida em determinados espaços de tempo, e liberada em outros. Hoje, percebemos um momento da história em que a sexualidade está em seu estágio de repressão. Assim, coube à família o papel de representar esse ideal de vida a ser seguido pelos que optam pela moral e pelo que é certo. Esse ideal agora é bastante difundido na modernidade, e conforme defende Foucault (1988), o homossexual é visto como uma ameaça ao sistema de funcionamento social, modelo de família e perpetuação da espécie.

Os desejos reprimidos acabam sendo a justificativa para a vivência oculta da homossexualidade, em alguns casos, e essa repressão acaba atingindo também a sexualidade daqueles sujeitos que não desejam viver em uma sociedade marcada pelo preconceito, e isso acaba atingindo os gays, que têm sua sexualidade reprimida, quando alguns ainda ficam no armário, como forma de se defenderem do preconceito.

Quadro 1 – Síntese dos objetivos e resultados

Objetivos	Atores sociais	
	Sol	Dante
<ul style="list-style-type: none"> Desvelar o preconceito sofrido por pessoas pertencentes ao grupo LGBTTIAPN+ 	<p>“No curso de formação, também era forte (o preconceito), da mesma forma que teve assédio, ia prum cantinho, chamava... É, assédio. E disse: ‘ó, eu tô doído pra comer um c*, eu sei que tu gosta de dar’. E a pessoa, não sei se era uma jogada, pra saber qual era a resposta, qual era a reação”.</p>	<p>“Pra mim eles não vão fazer revelações, eles não vão falar abertamente, é sutil”.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Narrar as práticas homofóbicas internalizadas nos agentes de segurança; 	<p>“2010 é velado, é saber, é receber assim: ‘ah eu não quero trabalhar com aquela frutinha!’ Tem um fiscal na preleção dizendo: ‘Ah gente só porque o cara é ou num é’. Ai você: ‘é, talvez eles estejam falando de mim!’ Como não era às claras, era só de fuxico, por fofoca”.</p>	<p>“Eu acho assim por eu ser uma pessoa muito fechada, quando eu vou tirar serviço com alguém eu estudo muito a pessoa, se eu vejo que dá pra conversar eu converso, se eu vejo que não, eu me tranco, e ali ninguém nunca chegou pra mim e disse assim: ei, tu é gay? Sabe por quê, (eles) têm vontade? Morrem de vontade, se derem com certeza falam de mim, mas não têm coragem, por que eu me blindo de uma maneira, parece que eu fico assim com um ranço”.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Desvelar a homofobia internalizada nos militares; 	<p>“Um discurso que eu escuto muito ainda, que é assim: ‘não, a pessoa pode ser gay, ela pode se relacionar com quem ela quiser, mas’, sempre tem um but, ‘não nessa profissão’, que desmunheque em casa. E tem um colega nosso, não vou citar o nome, que um outro colega nosso, que esse outro que é hétero, pegou e disse assim: ‘cara, para de desmunhecar, tu pode ser, mas para de desmunhecar’, eu presenciei essa conversa, ele falou pro outro parar de desmunhecar. Que a pessoa pode ser gay, cada um faz da vida o que quer, mas não nessa profissão, nessa profissão, a nossa. Comigo não, de uma forma geral. Que a pessoa poderia ser gay, poderia ser lésbica, mas não na polícia”.</p>	<p>“Às vezes vem dois gays bem musculosos, alguns dizem assim, olha aí parecem dois homens, ai eu digo: é o mundo hoje é assim. Mas eu tiro oito horas com eles, eu procuro não prolongar o assunto com eles, queira ou não queira eles vão falar mal de alguém”.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Evidenciar as estratégias de sobrevivência dos interlocutores 	<p>“Eu acho que essa foi a grande virada de chave, no meu espaço, eu acho que é muito... Tem uma funcionária lá que ela já trabalha há 30 anos na polícia. Uma civil, mas trabalha pela polícia. Há trinta anos, ela disse o meu caso de eu ter me casado, foi o primeiro durante esses trinta anos e ela disse que não sabia. Teve uma repercussão e nesse momento foi o momento que eu também tive medo, eu disse vou casar e pra receber minhas núpcias o meu nome e do meu esposo vai ter que passar pelo boletim. Ai teve um subterfúgio que eu poderia utilizar o boletim do meu local de trabalho e não o boletim do QCG (Quartel do Comando Geral), só quem era muito próximo iria saber”.</p>	<p>“Tipo quando passa um gay eles fazem assim hum, e olham pra você, quando passa uma mulher muito bonita eles ficam falando, esperando pra ver se você tem uma reação daquela, pra ver se puxa alguma coisa, mas eles têm receio de falar, porque sabe que dá problema, o problema que dá se eles se manifestarem abertamente, não seria apenas um dissabor do serviço...”</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elucidar as considerações finais deste trabalho, faço um resgate do problema de pesquisa que é a homofobia internalizada, a cultura militarista e a dualidade entre a repressão e a existência da sexualidade, e chegamos à conclusão que, a partir das questões aqui apresentadas, podemos afirmar que a interdição da homossexualidade teve sua efetividade relacionada com o poder disciplinar que atua na manutenção das formas de sexualidades hegemônicas, elegendo o heterossexismo como seu principal pilar. Assim, em contrapartida, nesse jogo, temos a presença da educação no *ethos* militar que amplia as possibilidades de trabalho e ação no *locus* da pesquisa, à medida que se invista em cursos de formação e orientações a respeito do tema.

A metodologia aqui apresentada nos auxiliou na obtenção de dados para a pesquisa a partir da autoetnografia, por meio das falas dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador, num processo de resgate de histórias e rememoração de fatos e eventos. Assim, através das entrevistas semiestruturadas, obtivemos dados e uma vez analisados, sob a perspectiva dos sujeitos teóricos utilizados, chegamos à conclusão de que os resultados da pesquisa ora realizada nos mostram que as sexualidades existentes no meio militar são postas à prova, na medida em que percebemos o aumento da repressão impetrada por sujeitos que oscilam entre heterossexualidade compulsória e bissexualidade heteroromântica. No entanto, os sujeitos que saem do armário acabam sendo alvo desse assujeitamento.

O objetivo do trabalho era desvelar o preconceito sofrido por pessoas pertencentes ao grupo LGBTTQIAPN+, ainda que não sejam assumidas perante as outras pessoas. A pesquisa teve por finalidade narrar as práticas homofóbicas internalizadas nos agentes de segurança pública, analisando tais práticas, a fim de compreender quais suas causas e como estão demarcadas no meio militar. Como objetivos específicos, elenquei os seguintes: desvelar a homofobia internalizada nos militares; analisar as narrativas dos sujeitos da pesquisa em relação ao objeto de estudo e, por fim, evidenciar as estratégias de sobrevivência dos interlocutores dentro da corporação.

A homofobia foi trazida a partir dos relatos dos sujeitos. Diante disso, narrei as práticas homofóbicas perpetradas contra os interlocutores da pesquisa. Ao analisar as práticas homofóbicas, evidenciei as estratégias de sobrevivência dos sujeitos na corporação. A disciplina que fabrica os corpos “dóceis”, a partir do adestramento dos sujeitos, opera forças no sentido de termos os sujeitos que seguem as regras do jogo. Nesse sentido, cumpre destacar que as violações que sofreram os sujeitos da pesquisa são frutos de uma construção

que tem por base a heterossexualidade compulsória, que privilegia o machismo como produtor de cultura.

Assim, a dualidade entre a existência e a repressão da sexualidade se torna algo construído a partir das relações que se estabelecem entre os sujeitos da pesquisa. Ao afirmar que a sexualidade dos sujeitos não cabe no armário do quartel, podemos dizer que à medida que seguimos com as discussões, mais necessária se torna a presença dos estudos de gênero nos mais variados ambientes, dentre eles o quartel.

O fardamento acaba sendo a forma como os sujeitos têm sua sexualidade escamoteada no meio militar. Assim, a homofobia internalizada ocorre do gay para consigo, quando este mantém-se no armário e continua com a performatividade de gênero que o circunda. Ocorre também do hétero para o gay, quando este mantém a hegemonia da heterossexualidade como norma. E, por fim, ocorre quando o bissexual heterorromântico escamoteia seus desejos, através de investidas contra os assumidamente gays.

Ao final, vislumbramos que, ao discutir as questões que perfazem a pesquisa, vemos ser imprescindível que esses estudos sejam mais usuais nas ciências sociais. Ao realizar o estado da arte na pesquisa, vimos ser insuficientes os trabalhos com a homofobia na caserna. Desse modo, cumpre destacar que à medida que realizamos mais investigações na temática em estudo, mais vislumbramos sensibilizar pessoas acerca da necessidade de discutir temas tão emergentes na atualidade. Esperamos que a presente pesquisa auxilie em investigações futuras e que outros pesquisadores sintam-se à vontade para dar continuidade na pesquisa sobre sexualidades no quartel.

REFERÊNCIAS

- ABDO, C. H. N. **Sexualidade humana e seus transtornos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2000.
- ADAMS, T.; BOCHNER, A.; ELLIS, C. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**, [S.l.], v. 36, p. 273-290, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23032294>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, ColeçãoPrimeiros Passos, 1981
- ANDRADE, N. H. P. **Coturno rosa e ordem unida? Uma análise da homofobia entre policiais militares na Paraíba**. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos). Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas – UFPB, João Pessoa – PB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11825>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo**. 1ª. ed. São Paulo: Annablume, 2017.
- BBC NEWS. **Os países que punem a homossexualidade com pena de morte**. São Paulo: BBC News Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BOGAERT, A. F. **Understanding asexuality**. Rowman and Littlefield Publishers, Inc.: United States, 2012.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. 117 p.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social; Teoria, método e criatividade**. 21ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 2, n. 02, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- FARIAS, I. S. C. J. Identidades Gênero, Sexual e Romântica. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 377-396, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0021>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- FRANÇA, F. G. D. "Hierarquia e invisibilidade: preconceito e homofobia na formação

policial militar. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 154-170, ago./set. 2016. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/hierarquia-da-invisibilidade-preconceito-e-homofobia-na-formacao-policial-militar/. Acesso em: 10 maio 2022.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal Editora, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. São Paulo: Graal Editora, 1985.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. 302 p.

FRANÇA, F. G.; LEÓN, Adriano de. Polícia e homofobia: entre imagens, afetos e preconceitos. *In: Desqualificada: escrita criativa*. Blog acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, 28 de março de 2021. Disponível em: <https://www.desqualificada.com/2021/03/28/policia-e-homofobia-entre-imagens-afetos-e-preconceitos/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

FRY, P.; McRAE, E. **O que homossexualidade?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1991.

FURLANI, J. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. *In: Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade*. Curitiba, Paraná: SEED – PR., 2009. 216 p.

GALIMBERTI, U. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

GARCIA, C.C. (Org.). **O rosa, o azul e as mil cores do arco-íris: gêneros, corpos e sexualidades na formação docente**. Organizadora Carla Cristina Garcia. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAYANO, D. M. Auto-ethnography: Paradigms, Problems and Prospects. **Human Organization**, [S.l.], v. 38, n. 1, p. 99-104, 1979. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/human-organization/article-abstract/38/1/99/71335/Auto-Ethnography-Paradigms-Problems-and-Prospects?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 12 jul. 2022.

- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- JOHNSON, A. G. **The Blackwell Dictionary of Sociology: a User's Guide to Sociological Language**. Malden, Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2000.
- MELLO, L.; BRAZ, C. Entre o desmonte e a resistência: reflexões críticas sobre cidadania, direitos humanos e políticas públicas para a população LGBTQTT no Brasil contemporâneo. *In: Regina Facchini e Isadora Lins França (orgs.) Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social/; Teoria, método e criatividade**. 21ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOTTIER, V. **Sexualidade - uma breve introdução**. Alfragide - Portugal: Texto Editores, 2010.
- PEREIRA, H; LEAL, I. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. **Análise Psicológica**, [S.l.], v. 1, n. XX, p. 107-113, 2002.
- PICAZIO, C. **Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Editora GLS, 1999.
- PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- WEINBERG, G. **Society and the Healthy Homosexual**. New York: St. Martin's, 1972.
- WEISS, W. **Movimentação Epistêmico-Axiológica em canais de ativismo digital feminista: uma perspectiva multidisciplinar**. 2021. 309 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- WITTIG, M. **The straight mind and other essays**. Boston – US: Turcotte Beacon Press, 1992.
- YAGO, D. F. Os estudos *queer*: história, potencialidades e limites. *In: GARCIA, C.C (Org.). O rosa, o azul e as mil cores do arco-íris: gêneros, corpos e sexualidades na formação docente*. Organizadora Carla Cristina Garcia. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2017.

GLOSSÁRIO

- **Assexualidade:** é a falta de atração sexual a qualquer pessoa, ou pequeno ou inexistente interesse nas atividades sexuais humanas (BOGAERT, 2012).
- **Bissexualidade:** segundo as ciências biomédicas, a bissexualidade consiste na atração física e afetiva por pessoas de ambos os gêneros, podendo variar de interesse em relação a cada um, dependendo do momento ou da fase da vida. O termo deriva do prefixo latino *bi* que significa “dois”; do latim *sexus* que significa “sexo” e do sufixo *dade*, que significa “o modo de ser” (ABDO, 2000).
- **Heterossexualidade:** as ciências biomédicas definiram que a heterossexualidade consiste na atração física, emocional, estética por pessoas do sexo oposto. Deriva do prefixo grego *heteros*, que significa "diferente"; do latim *sexus* que significa "sexo" e do sufixo *dade*, que significa "o modo de ser" (ABDO, 2000).
- **Homossexual:** é a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero. Assim, o termo homossexual pode se referir a homossexuais femininas - lésbicas, ou homossexuais masculinos - gays.
- **Homotransfobia:** significa aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas, ou grupos nutrem contra homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.
- **Machismo:** por ser um conceito filosófico e social que crê na inferioridade da mulher, é a ideia de que o homem, em uma relação, é o líder superior, na qual protege e é a autoridade em uma família.
- **Misoginia:** devido à valorização histórica do homem e do gênero masculino, por meio do machismo, o gênero feminino e a mulher foram sendo desprestigiados por intermédio da misoginia. A palavra vem do grego *misogunia*, sendo *miseó*, que significa "ódio"; e *gyné*, "mulher" ou "feminino". Ou seja, é o ódio, o desprezo ou a repulsa à mulher, ao gênero feminino e às características associadas a eles. Está diretamente ligada à violência contra a mulher (HOUAISS, 2004). Johnson (2000) afirmou que a misoginia é uma atitude cultural de ódio às mulheres porque elas são femininas, ou seja, socialmente simboliza a fraqueza. É um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, serve de base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelos homens. A misoginia se manifesta de várias formas diferentes: piadas, pornografia, violência e autodesprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos, por exemplo (ALVES; PITANGUY, 1981; SAFFIOTI, 2004).

- **Não-binário:** se refere a todos os atributos que não se categorizam dentro do binário de gênero. Isto é, tudo que não é exclusivamente relacionado ao feminino e nem ao masculino
- **Pansexual:** a palavra pansexual deriva do prefixo grego *pan-*, que significa "tudo" ou no caso, "todos". Segundo as ciências biomédicas, "todos" é uma referência específica aos gêneros (masculino, feminino) em humanos. Em sua forma mais simples, pansexualidade denota o potencial de atração sexual por todos os sexos, ou gêneros. Usa-se para negar a ideia de dois gêneros, ou sexos. Pansexualidade é uma orientação sexual que se caracteriza pela atração sexual e/ou afetiva tanto por homens e mulheres com identidade e papéis sociais de gênero convencionais como também por aqueles com identidades e papéis diferenciados (transgêneros, transexuais, travestis, intersexos, entre outros). Outro termo utilizado é *omnissexual*, que se origina do prefixo latino *omni* que também significa “tudo e/ou todo” e *sexus* do latim referente a “sexo”. (ABDO, 2000; GALIMBERTI, 2010; HOUAISS, 2004; PICAZIO, 1999).
- **Sexismo:** é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.
- **Transexualidade:** pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transexuais podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à identidade de gênero. Algumas pessoas trans recorrem a tratamentos médicos, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual. São usadas as expressões homem trans e mulher trans. De acordo com a socióloga Berenice Bento, em seu livro “O que é transexualidade”, trata-se de uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero. Alega ainda que a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gênero no corpo (BENTO, 2008).

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA (ADULTOS)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ GERARDO VASCONCELOS
MESTRANDO: JOSIVAN ALVES RIBEIRO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar da pesquisa “**HOMOFOBIA INTERNALIZADA E CULTURA MILITARISTA: A DUALIDADE ENTRE EXISTÊNCIA E REPRESSÃO DA SEXUALIDADE**”, conduzida por Josivan Alves Ribeiro, estudante do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará cujo objetivo é o de narrar as práticas homofóbicas internalizadas nos agentes de segurança pública e efetuado entre os seus pares, entendendo como essas práticas se justificam e de que forma se proliferam no meio militar.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso aceite participar sua participação consiste em conceder entrevistas abertas, onde será utilizado um aparelho de captação de áudio, sendo assegurada a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, a não utilização das informações que causem prejuízo (Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) estão relacionados aos possíveis constrangimentos diante das perguntas

realizadas pelo pesquisador, um possível desconforto quanto à exposição de ideias e à interpretação das falas dos sujeitos pelo pesquisador. Como precaução para minimizar tais riscos, as respostas serão tratadas de forma anônima, com garantia de sigilo absoluto e respeito aos colaboradores da pesquisa.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: obter dados sobre como a homofobia tem atingido os participantes da pesquisa e como podemos construir formas de minimizar as consequências dessa violência.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica, tais como em eventos científicos, congressos, publicações na forma de artigos científicos em revistas especializadas e divulgado, sem que haja a identificação particular dos participantes, com garantia de sigilo e privacidade.

Nome: Josivan Alves Ribeiro

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Waldery Uchoa, 01 - Benfica - Fortaleza – CE - CEP 60020-110

Telefones para contato: +55 (85) 3366 7663 +55 (85) 3366 7665

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46.

(Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

_____, ____/____/____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA (COLABORADORES)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

- 1. FALE UM POUCO DA SUA VIDA E VIVÊNCIA DENTRO DA CASERNA.**
- 2. NA CASERNA, COMO SENTE QUE É TRATADO PELOS PARES?**
- 3. JÁ SOFREU HOMOFOBIA NO MEIO MILITAR? SE A RESPOSTA FOR SIM, RELATE. SE FOR NÃO, VOCÊ PERCEBE SE HÁ HOMOFOBIA NO MEIO?**
- 4. COMO VÊ A PRESENÇA DE SUJEITOS ASSUMIDAMENTE GAYS NA INSTITUIÇÃO?**